

[CONTOS E  
CRÔNICAS]

**AQUELAS  
COISINHAS  
INTRINCADAS  
QUE AS  
PESSOAS  
FAZEM**

Arzório Cardoso

[ ] [ ]  
[ OUTRAS ]  
PALAVRAS

Biblioteca  
**Parana** **B**

**insight**  
E D I T O R A



**AQUELAS  
COISINHAS  
INTRINCADAS  
QUE AS  
PESSOAS  
FAZEM**

Todos os direitos dessa edição reservados à:

EDITORA INSIGHT



E D I T O R A

Rua João Schleder Sobrinho, 668 – 82540-060 – Curitiba – PR

Tel.: (41) 3023-3774

www.editorainsight.com.br

contato@editorainsight.com.br

**Coordenação e produção:** Naotake Fukushima - naotake@nexodesign.com.br

**Auxiliares de produção:** Beatriz Marçal de Melo e Maria Aparecida Bezerra Sousa

**Revisão de texto:** Reinaldo Cezar Lima

**Diagramação:** Naotake Fukushima, Gerson Luiz Cordeiro, Marina Mendonça e

Marlon Henrique Gomes Fernandes

**Autor:** **Arzório Cardoso** - arzoriocardoso@yahoo.com.br

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

---

Cardoso, Arzório Alberto

Aquelas coisinhas intrincadas que as pessoas fazem /

Arzório Alberto Cardoso. - Curitiba, PR : Insight, 2024.

120 p. ; 21 x 14 cm.

ISBN 978-65-88617-92-2

1. Crônicas brasileiras. I. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.4

---

PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA,  
POR QUAISQUER MEIOS, SEM AUTORIZAÇÃO DO EDITOR.

(Lei nº 9.610/98)

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2024

# AQUELAS COISINHAS INTRINCADAS QUE AS PESSOAS FAZEM

Arzório Cardoso

---

Curitiba 2024

**insight**  
EDITORA



## **Aquelas coisinhas intrincadas que as pessoas fazem**

Elas tentarão te convencer de que tudo ali é feito com muito rigor e muito método e segundo os padrões mais rigorosos e verificáveis do fazer científico. Mas será pura doidice, alucinação, demência. Elas te prenderão num calabouço conceitual particular tão inchado de sinuosidades, tão abarrotado de meandros, tão multiplicado por asteriscos, letras miúdas e subitens que os labirintos onde os personagens kafkianos se debatem feito baratas tontas parecerão uma linha reta. E não haverá novelo nem Ariadne para dar um jeito no enrosco e te mostrar a saída. Você estará irremediavelmente perdido.

Uma delas chegará em você e dirá que o arroz é que precisa ir por baixo do feijão, porque assim o arroz fará as vezes de uma caminha-base aconchegante e absorvente para onde o caldo do feijão escorrerá, tornando ambos, pela ação da gravidade fazendo o caldo imiscuir-se entre os grãos de arroz, ainda mais saborosos. Outra chegará em você e dirá que o feijão é que precisa ir por baixo do arroz, para que assim o arroz mantenha-se íntegro, para que assim o caldo do feijão mantenha-se líquido e para que assim o arroz faça as vezes de uma caminha-base aconchegante que acomodará de forma otimizada o ovo frito por cima. Perdida essa etapa (pois que vencida não é nunca), a seita do arroz por cima se bipartirá, brandindo cada uma das recém-inauguradas facções variados argumentos a respeito da dureza ou da crueza da gema.

Esse fenômeno da bipartição, levado às últimas consequências, certamente originou o cancionero psicológico no qual se destacam frases como “às vezes é preciso lutar contra você mesmo”, “não seja você mesmo o seu maior inimigo”, “não se boicote” e assim por diante até a automutilação dos tímpanos.

Outro dia, numa rede social, vi Alguém reclamando de um Sujeito que curtiu uma postagem na qual o Postador, muito triste, anunciava que o pai estava à beira da morte, encamado num hospital. O Alguém alegava que aquela atitude do Sujeito era uma deselegância, uma inconveniência social, um descumprimento das etiquetas virtuais mais elementares e amplamente compartilhadas entre os usuários, além de parecer uma ironia sádica. ¿Onde é que já se viu curtir uma notícia dessas?

Pois não é que o Sujeito, ignorando solenemente o sentido maciçamente aceito da palavra naquele contexto, se defendeu com uma carteirada etimológica afirmando que o verbo “curtir” significa, também, padecer, sofrer e suportar? Pois é, foi exatamente isso que o Sujeito fez. E não parou por aí: depois de jogar na mesa o truque do verbo “curtir”, como se fosse um valioso coringa e não um blefe com o quatro de ouros (os facãozeiros do truco entenderão), ainda veio com a cartada etimológica (se é que posso chamar assim) do gesto do polegar pra cima: alegou que no império romano o polegar pra cima era um sinal feito pelos imperadores nas arenas de gladiadores e que indicava (indicar é com o indicador, né, mas tudo bem) que a vida do guerreiro seria benevolmente poupada. Clicar no botão “curtir”, então, segundo a lógica despropositada do Sujeito inconveniente, significava sofrer junto as penas com o quase enlutado, além de ser uma manifestação do desejo de que a morte não acontecesse, ainda que o auspicioso veto imperial, como se supõe, não estivesse ao alcance de seu polegar virtual.

Obviamente ninguém curtiu esse comentário estonteante, mas não importou muito. O Sujeito mandou o Alguém consultar um dicionário e ainda deixou, como em saída triunfal, expostos estes versos de Machado: “Ao calor enxugou de estranhos lares/ O lusitano vate. Acerbas penas/ Curtiu naquelas regiões...”

São essas as coisinhas que nomeio de “aquelas coisinhas intrincadas que as pessoas fazem”. Para conseguir ficar por cima ou evitar ficar por baixo (mesmos objetivos de vida do

feijão e do arroz), até as palavras saem dos dedos ou da boca com significados arbitrários, idiossincráticos, aleatórios.

Parece que em tudo a referência tem de ser o maldito “eu”. Não chove aqui onde eu estou agora. Em algum lugar, a 20 km de distância, está chovendo. Me desloco até lá, sem saber que lá chove, sem saber das nuvens escuras e da pista molhada. Me aproximo de lá, penetro na chuva que há horas despenca desatada. Promulgo a sentença: Começou a chover!

A referência é sempre o maldito EU. Assim mesmo, intrincado desse jeito, mas assim.

Não sei se repararam, mas o exemplo acima é uma dessas coisinhas intrincadas que, confesso, pratico repetidas vezes: explicar um conceito fazendo exatamente aquilo que o conceito tenta esclarecer. Pessoas de bem sabem que todos os nossos discursos estão tão impregnados de falácias, de argumentos logicamente inconsistentes incapazes de provar eficazmente a alegação, que até já perdemos a capacidade de reconhecê-las. Acredite em mim, sou professor, mais velho que você, tive muitos problemas na minha vida e, além disso, ninguém até hoje conseguiu provar que a informação é falsa, com o reforço de que pesquisas feitas na Universidade de Yogyakarta, pelo eminente Departamento de Estatísticas daquela instituição, presidido pelo notável Kulon Lintang, demonstraram claramente a total e absoluta veracidade da afirmação, seu idiota.

Há pessoas que não entenderiam uma ironia mesmo se estivessem lendo uma exatamente agora, mas quem é leitor de verdade e manja dos paranauês entendeu, e se não entendeu não é um verdadeiro escocês.

¿Intrincado, né?

Mas há maçarocas piores. Tem gente que mata suas cinco avós para justificar faltas no trabalho, aproveitando-se do fato de que todos gostam de suas próprias avós e de que todos se solidarizam quando alguém as perde. Já que ninguém

levantaria a terrível hipótese de uma pessoa mentir sobre a morte da avó apenas para faltar ao trabalho, então a pessoa mente sobre a morte da avó para faltar ao trabalho. E mesmo que ela desconfie de que há quem desconfie desse seu método, conclui que ninguém a acusaria de mentir sobre a morte da avó. Vai que é verdade! Então, como ninguém tem coragem de verbalizar a desconfiança quando pensa na hipótese de a pessoa estar mentindo sobre isso para faltar ao trabalho, a pessoa mente sobre isso para faltar ao trabalho, num jogo mental maquiavélico, labiríntico e, desconfio, prazeroso.

É claro que nem só de doidice, alucinação e demência vivem os complexos enredamentos urdidos por gente. Às vezes realmente tudo é feito com muito rigor e muito método e segundo os padrões mais rigorosos e verificáveis do fazer científico. O físico e sociólogo Duncan Watts, à guisa de amostra, concebeu um experimento lindamente ardiloso: criou duas versões de um site de *downloads* de músicas completamente desconhecidas. No primeiro site, os internautas não podiam ver quantas vezes determinada música tinha sido baixada; no segundo, era possível. (E com o detalhe imprescindível de que os números eram deliberadamente falsos.) O resultado foi que uma maior variedade de títulos era baixada no primeiro site, enquanto somente as músicas mais populares eram baixadas no segundo. Ou seja, as músicas se tornavam cada vez mais populares porque eram mais baixadas e eram cada vez mais baixadas porque eram cada vez mais populares. O resultado do experimento foi esse círculo vicioso que se instaurou ter trazido à luz um comportamento muito nosso e que qualquer idiota pode ver. Só precisamos agora desse idiota para nos dizer qual comportamento é esse.

A esses extremos de ardil chega o cérebro humano. E entonteço só de imaginar o quanto ainda poderia escrever caso me propusesse a tarefa de mapear incansavelmente todos os exemplos dessas coisinhas intrincadas que as pessoas fazem.

Mas eu canso. E, além disso, uma crônica tem lá os seus limites espaciais que não podem ser ultrapassados.

Encerro-a aqui, portanto. Mas não sem antes deixar uma citação saborosíssima (e também espetacularmente intrincada) do biólogo, zoólogo e antropólogo Lyall Watson sobre esse nosso maravilhoso instrumento de trabalho e fraude: "Se o cérebro humano fosse tão simples a ponto de conseguirmos entendê-lo, seríamos tão estúpidos que não conseguiríamos entendê-lo".

## Humanimalismo ou Uma crônica animal

Dos totens tribais aos deuses zoomórficos do Egito, das tatuagens de águias, corujas e escorpiões à serpente tentando Eva, do jogo do bicho aos meninos que perdem a virgindade com cabras, nossa íntima e histórica relação com os outros animais certamente é um dos traços mais marcantes e definidores da humanidade. Nosso imaginário coletivo é densamente habitado por centauros e minotauros, faunos e sereias, iaras e quibungos, por signos zodiacais que supostamente integrariam nossa personalidade, por histórias de homens que se transformam em lobos e por histórias de lobos que falam, pensam e agem como homens. E, como não poderia deixar de ser, essa identificação, a um tempo causa de tanto orgulho e tanto desconforto, inevitavelmente acabou escorrendo para nossas bocas e se refletindo em provérbios, ditados, interjeições, metáforas, sobrenomes, apelidos, ofensas, elogios... se refletindo, enfim, em linguagem.

Acredito entusiasticamente não haver língua no mundo que não ostente em seu repertório expressões relacionadas a animais. E uma pesquisa mais ou menos breve me ensinou coisas muitíssimo interessantes nesse sentido. Há até expressões que, embora originárias de dois idiomas distintos, são plenamente compatíveis conceitualmente, necessitando apenas de um intercâmbio entre os bichinhos. E não se trata de trocar gato por lebre não. Em francês, por exemplo, há o ditado “só quando as galinhas tiverem dentes”, que equivale ao nosso “nem que a vaca tussa”; também há o “cachorros não fazem gatos”, que tem o mesmo sentido do nosso “filho de peixe, peixinho é”; e ainda o “não venda a pele do urso antes de matá-lo”, cujo teor é idêntico ao “não conte com o ovo dentro da galinha”. Em alemão, quando chove durante muitos dias, eles dizem que faz um tempo de cachorro, já aqui nós

dizemos que vamos virar sapos. Em inglês, quando alguém bebeu todas e mais um pouco, diz-se que o cidadão está vendendo elefantes rosas, enquanto aqui, ao nos esquivarmos do seu bafo de onça como hábeis pugilistas peso-galo, dizemos que ele está bêbado feito um gambá.

É bastante povoado, enfim, nosso empavonado leque animalesco. Como gatinhos começamos: engatinhando.

Entram nessa história até peixes fora d'água e alguns gatos pingados, amigos da onça e mães corujas, cavalos dados e cavalos tirados da chuva, bois de piranha e bois na linha, pés de coelho, pés-de-cabra, pés-de-pato, pés-de-galinha, abelhudos, formigões, antas e jararacas. Tem lugar nessa arca linguística até mesmo para o bode expiatório, que, ainda que não tenha sangue de barata, sempre acaba engolindo sapo e pagando o pato pelos pecados alheios.

(Fosse eu esse pobre caprino, aliás, e daria um jeito de adquirir uns olhos de lince e sempre ficaria de butuca, com a pulga atrás da orelha, que não são poucas as divindades sedentas pelo trágico sacrifício de um bode.)

Transforma-se em lobisomem o sétimo filho homem, mulher que deita com padre vira mula sem cabeça, deuses gregos disfarçados de cisne dão origem a Helenas de Troia e botos cor-de-rosa disfarçados de rapazes sedutores engravidam jovens amazônicas incautas. Mas não precisamos fazer disso um bicho de sete cabeças. Já que podemos ser tantos animais, que mal podem fazer uns bois a mais? Você praticamente pode ser o bicho que você quiser: bicha, bicho-grilo, bicho-carpinteiro ou bicho do Paraná, um espírito de porco ou um porco inteiro, um cabra da peste ou um cabra metido a besta. Mas antes ser uma barata tonta do que uma mosca morta e antes ser um mão de vaca do que uma vaca de presépio. Você também pode ser o patinho feio, uma cobra criada, ser a ovelha negra da família e ter forte queda por lobos em

pele de cordeiro, desde que não cutuque onça com vara curta vindo aqui cantar de galo em meu terreiro. E lembre-se de que se no tempo das vacas gordas você já não se bica muito com alguém, o que dizer de quando a tua vaca for pro brejo? Por isso é bom não enfiar muitas minhocas na cabeça e nunca esquecer que as pessoas têm memória de elefante quando se trata de um agravo.

Aliás, quando se trata de agravos, o repertório é bastante vasto. Seu verme, seu rato, seu inseto, sua ameba, seu porco, sua baleia, seu viado, sua bicha, sua galinha, sua vaca, seu macaco, seu burro, seu cavalo. É a psicologia da desumanização: atribuir, ao outro, características bestializantes com o intuito de inferiorizá-lo e, em casos extremos (mas numerosos e recorrentes), não sentir piedade nem remorso diante da violência praticada contra ele. São poucos, afinal, os que sentem piedade pela morte de um inseto ou de um rato. É a nossa proverbial burrice, o nosso cérebro de camarão falando mais alto e desmentindo a sabedoria popular que diz que cachorro que ladra não morde. Nesse quesito, infelizmente, avançamos a passos de tartaruga.

Mas nem tudo são ofensas no mundo humanimalista. Eu, por exemplo, que nunca fui um garanhão, mas que, apesar do estômago de avestruz, também nunca fui de ficar comendo mosca, sou casado com uma gata e nela abraços de urso nunca irão faltar. Abraços de urso e muito mais selvagerias. Mas quanto ao muito mais, faço boca de siri, que se não ela vira onça, solta os cachorros em cima de mim e o bicho pega. E aí não vão adiantar lágrimas de crocodilo, nem fazer cara de cachorro pidão, e talvez até tenha de picar a mula...

Pelo que ficou demonstrado, a bicharada parece não sair mesmo da nossa boca. O que é bastante justificável se lembrarmos que nosso tão adorado e santificado corpo não passa, na verdade, de uma imensa e superpovoada colônia explorada por 39 trilhões de bactérias e outros microrganismos

que trafegam por nossas línguas, dentes, gengivas, esôfagos, estômagos, intestinos grossos e delgados e demais adjacências. ¡Arre, égua!

## A língua, o asterisco e a natureza da sardinha

Parece que algumas embalagens agora estão vindo com informações elucidativas que visam proteger os consumidores de serem enganados pelas próprias embalagens. No rótulo de um transparentíssimo vidro de ovos de codornas, por exemplo, li o esclarecimento: atenção, alérgicos, contém ovos. Já numa caixa de leite de uma marca específica fiquei sabendo que aquele produto era uma excelente fonte de cálcio. Um asterisco ao lado da palavra “cálcio”, no entanto, direcionou obliquamente meus olhos para as letras miúdas localizadas num recanto logo abaixo, em que aparecia o esclarecimento: \*assim como todo leite.

E assim, no universal movimento corporal dos desconfiados – o olhar de canto – desfez-se de imediato a ideia de que aquela marca específica podia me trazer um benefício que as outras não podiam.

Aliado a essa fundamental característica de ser um inveterado bebedor de leite (mamífero que sou) está o fato de às vezes eu também me deliciar comendo sardinhas (não juntos os dois, claro fique, que seria perturbador). Nesses tempos de pressa, comida pronta e saudável à distância de um armário e de um abridor é sempre muito bem-vinda. O único elemento nessa história que se poderia chamar de estranho é que garfeio os peixinhos sem retirá-los da lata, *in natura*, ali no cocho mesmo. Mas só o faço depois de ler as importantes informações fornecidas pelos fabricantes, ultimamente tão preocupados em sanar as dúvidas que sempre surgem antes de pormos algo na boca. Essa lata me informava que o produto contém Ômega 3.

Eu, que pensava que o Alfa e o Ômega eram um só, fiquei espantado ao saber que já haviam criado o terceiro. E só

abandonei os desdobramentos lógicos dessa divagação quando avistei o asterisco.

Pensei: ¡Lá vem!

Asteriscos têm se revelado um perigo. Imaginei que uma dessas recorrentes artimanhas contratuais me surpreenderia e me avisaria que eu só poderia usufruir dos benefícios do óleo milagroso caso fizesse uma assinatura de dois anos de exclusividade com a marca e que, caso me arrependesse 43 dias ou 27 horas depois, teria de pagar uma multa rescisória cara o suficiente para que os préstimos e a proteção já proporcionados a mim pelo peixe fossem inferiores ao preço pago pela desistência.

Mas, nesse caso, não era um asterisco dessa estirpe. Assim como na caixa de leite, ele apenas revelava uma informação que punha aquela sardinha em pé de igualdade com todas as outras sardinhas do mundo: contém Ômega 3\*... E logo abaixo: \*como todo produto desta natureza.

E foi aí que meu cérebro se contorceu de vez. O movimento oblíquo de olhos dissimulados deu lugar à mais completa estupefação e à conseqüente dilatação das pupilas. Arregalei, estufei, esbugalhei os olhos, diga-se de uma vez.

¿Desta natureza? ¿Qual natureza? ¿A natureza de vir em latas? Também há milho enlatado e, acionando meus parcos conhecimentos alimentícios-nutricionais, sei bem que milho não contém Ômega3. ¿Natureza de ser aquático? Cavalos-marinhos, algas e submarinos também são. ¿Natureza de ter dois olhos laterais? Zebras também os têm assim. ¿Natureza de ter escamas? Cobras as ostentam e nem por isso as enlatamos para consumir seu óleo. ¿Natureza de ter óleo? O horripilante grão de soja e os leões-marinhos também têm. ¿A natureza de não ser bípede? ¿De não ter braços? ¿De não ser hábil a ponto de escapar de redes? ¿De ser pecilotérmico?

¿Qual raios enfim é a natureza de uma sardinha?

Somente alguém muito sem juízo levaria a sério as perguntas acima. Ou alguém que as fizesse já com a intenção prévia de refutá-las depois. Ou alguém que quisesse fazer graça. Ou alguém chato mesmo. Porque nelas claramente há um universo paralelo e inóspito de interpretações que simplesmente nós não visitamos, efeitos colaterais da nossa capacidade de raciocinar que descartamos por não levarem a lugar nenhum, um ponto morto que funde o motor sem fazer o carro sair do lugar.

Quando o contexto onde uma palavra se insere é conhecido, somos muito certos e apostamos nossas melhores fichas em seu sentido reconhecidamente mais plausível. Mais ainda quando presumimos que o interlocutor não deseja ser ambíguo, ou engraçado, ou chato. Otimizamos as escolhas. Se digo à menina que ela é uma flor, seleciono o perfume, a delicadeza e a beleza como os aspectos comparativos mais relevantes, e não o fato de as flores serem meio paradas, serem espinhosas, de serem feias a maior parte do tempo e só florescerem de vez em quando, de morrerem na flor da idade, de se reproduzirem com ajuda de abelhas, etc. Seria um mundo insuportavelmente palavroso se todas as etapas que levam à compreensão tivessem de ser explicitadas. Caleidoscopicamente perverso se todos os potenciais sentidos de todas as palavras e sentenças tivessem de ser levados em consideração. Embora seja essa a postura mais sensata a se tomar antes de assinar um contrato ou ao ler um poema, não é isso o que fazemos na maior parte do tempo. Não precisa. Sabemos que o outro sabe que nós sabemos que o outro sabe o que está sendo dito. Na imensa maioria das vezes, uma rosa é uma rosa. Mesmo. E quando digo que mãe é mãe não preciso pedir desculpas por ter dito uma frase circular, porque todos sabem que não é.

A natureza inequívoca de uma sardinha é ela ser uma sardinha e não outra coisa. E isso inclui toda a população de sardinhas de todos os mares, de todas as redes e de todas as latas. Quem diz isso sou eu, claro, ser falante. O que a pobre sardinha rica em

Ômega 3 diria de sua própria natureza caso pudesse pensar e falar fuge completamente de minha alçada. Mas aposto que elas se compreenderiam, como todo produto desta natureza. Natureza de linguagem.

## Adeus às canetas

Adiantando-me aos apocalípticos não integrados que possam classificar como absurda e derrotista a declaração que farei a seguir, afirmo não ter incorporado o hábito nem rápida, nem pacificamente – tampouco alegremente. Menos ainda sem traumas. Antes, sancionei o novo método com o fel e a rabugice próprios dos que se sentem atropelados pelo rolo compressor cada vez mais veloz do tempo, que amassa, mistura e enforma para melhor assar. E com a frustração dos que, esgotadas resistência e estratégias de revide, finalmente se deixam vencer e aceitam o destino, combalidos.

Certamente essa declaração, porque impronunciável até poucos anos e resultado de uma mudança que eu não planejei, impacta ainda agora mais a mim do que o fará a qualquer outra pessoa, desta era ou de outras, menos ou mais tecnológicas. Mas está aí. E é verdadeira. Aliás, não está ainda. Esteja:

— Estou escrevendo esta crônica diretamente no computador.

Sem mais a pessoalidade da caligrafia. Sem mais a desordem dos papéis onde eu imprimia, com a fidelidade do ilegível, a desordem dos esboços. Sem mais as velhas canetas e seu corpo marcado pelas camadas sobrepostas de digitais denunciando o autor do crime. Sem mais (mas isso nunca tive mesmo) o frívolo *glamour hipster* da máquina de escrever. Sem mais o desfile das ideias riscadas e rejeitadas expondo as tortuosas linhas de raciocínio que é preciso desfiar até que surja, no fim, a frase justa e límpida que melhor represente a ideia. Não mais a comparação entre rascunhos e originais desnudando, despudoradamente, a grande presunção dos que se embrenham na floresta das palavras impressas: a tentativa de organizar o pandemônio do mundo e da mente pelo corte epistêmico da escrita.

No computador. Estou escrevendo esta crônica diretamente no computador.

E repito a sentença como um mantra, como um refrão pegajoso, na expectativa de que a repetição seja capaz de me libertar do espanto de me saber outro.

Porque, decididamente, novos objetos e novas mídias produzem novas subjetividades. Afetam o corpo e suas posturas e reações; afetam a mente e suas associações e articulações cognitivas. Em uma palavra, é muito outro o esquema aqui, no computador.

¿Escreveu errado? O corretor automático, pela tensão sublinhada em vermelho, fará o trabalho que seu nome propõe. ¿A frase não vai bem? Deleta-se e não mais haverá indícios de sua torta não existência. ¿Garranchos, garatujas, gatafunhos? Não com a jornalística fonte Times New Roman, ou a acadêmica Arial, ou ainda a cursiva Harlow Solid Italic! E o mais terrível: ¿quer destruir e jogar salutarmente tudo fora? Está cancelada a possibilidade do amassar catártico do papel e do seu arremesso ao cesto daquilo que poderia ter sido e que não foi.

Uma quase completa desmaterialização e desumanização dos meios, enfim. E a concentração de todos os recursos numa única e monopolizadora ferramenta, ainda que (e este ponto é essencial) as engrenagens da escrita permaneçam rodando conforme o ritmo cardíaco, intestinal e humano do escritor.

Portanto, não é algo que se explique assim, sem a devida enumeração e o detalhamento das etapas, como foi que cheguei a este estado de completa rendição à Hidra da informática. Mas quero me poupar de imolações autoinfligidas, ao mesmo tempo em que, deixando aqui somente o resultado da equação (ou pouco mais que isso), poupo o leitor do tédio de presenciar suas intrincadas operações e seu desmembramento. Juntos, pouparemos papel. Ou caracteres, que, a despeito de sua virtualidade, consomem tempo. E tempo é tudo.

Que a clássica imagem mitológica das cabeças múltiplas e fluorescentes dê conta de justificar a talvez inevitabilidade da adesão à escrita virtual.

E que a boa e velha pulga atrás da orelha possa sempre examinar, com a mesma frieza e engenho e arte, tanto a associação entusiasmada e irrefletida ao novo por parte dos integrados quanto o ranço argumentativo dos infectados pela síndrome da era de ouro (disfunção mental que faz pessoas desesperadas pela proximidade do próprio fim afirmarem que em seu tempo tudo era melhor), e da qual, não sem cicatrizes, me curei.

Escrevo versos num papel que está no meu pensamento, dizia o Guardador de Rebanhos. E esse meio nunca há de ser outro. Espero...

## A parada

Há muitos e muitos anos eu trabalhei em uma empresa que ficava bastante longe de casa, de modo que o único meio de chegar até lá era o ônibus.

O cenário é bem conhecido, nada muito diferente da realidade de milhões e milhões de pessoas que cotidianamente enfrentam os solavancos, os atrasos, as carrancas, a ausência de um “bom dia”, as horas subtraídas de seu tempo de existência, as pálpebras insubmissas e os cochilos pesados de quando a sorte acena de um banco vazio. O que talvez fosse um pouco diferente era que naquele ônibus iam dezenas de pessoas que trabalhavam no mesmo lugar e, por isso, todos se conheciam.

Seu João ia naquele ônibus.

Seu João era um senhor muito simples, que há quase trinta anos trabalhava naquela empresa de suores muitos e salários poucos. Como não tinha estudo, sabia que dificilmente conseguiria outro emprego que pagasse um pouco mais. E sem perspectivas mais ambiciosas além de dar entrada na papelada da aposentadoria, parecia ser alguém convencido de já ter cumprido com dignidade aquilo que nessa vida lhe fora determinado cumprir. Talvez fosse esse o motivo de não ser amarga e nem tampouco pesarosa a sua resignação diante da ausência de outras possibilidades. Ao contrário, pelo pouco que observei e conversei com ele, sempre demonstrou bom humor, seu sorriso era largo e fácil, cumprimentava a todos quando entrava e, ao que me consta, nunca de sua boca se ouviu um lamento sobre aquilo que sua fé possivelmente chamaria de destino. Quase me arriscaria a considerá-lo feliz, não fosse tal conclusão um ato de soberba e leviandade por se tratar de alguém que não fazia parte de meu convívio mais íntimo. (Seria leviano da mesma forma se existisse entre nós a tal intimidade, porque nunca sabemos o que leva dentro o coração alheio.)

Ninguém sabia o que ia dentro do coração do seu João...

Seu João também tinha seus orgulhos e pequenas vaidades. Mas seus orgulhos e pequenas vaidades eram realmente tão simples e tão inocentes que seria de encher de vergonha e desesperança pela humanidade saber que alguém pudesse desdenhar dele por isso ou que alguém de alguma forma tentasse retirar isso dele.

Mas era exatamente isso que acontecia naquele ônibus. Era exatamente isso o que conseguiam.

O orgulho que seu João sentia era pelo netinho que acabara de nascer carregando seu nome. E nesse orgulho, pela impossibilidade de tocá-lo, ninguém tocava.

A pequena vaidade que seu João sentia era a de ser conhecido do motorista e de, por essa razão, não precisar apertar a campainha para que o ônibus parasse na frente do portão de sua casa.

E é aí que acontece a história que em mim causou impressão profunda. Porque não era sempre que seu João conseguia abrir o portãozinho de madeira de sua casa com sua pequena vaidade satisfeita. Conhecedores desse pequeno prazer, dois dos passageiros colegas de trabalho aguardavam o ônibus contornar a curva que antecedia a casa e então, com o característico sorriso dos que têm certeza de estar sendo engraçados, com o prazer oblíquo e despersonalizado dos desmancha-prazeres, apertavam a campainha, causando em seu João uma frustração nítida, indisfarçável.

Houve um dia atípico de mau humor em que seu João finalmente verbalizou: “¿Pra que apertar? Ele sabe que eu moro aqui”. Mas não resolveu. No outro dia, logo após a emblemática curva, como se estivesse condicionado a soar, o som estridente e irritante da campainha de novo soou.

O pequeno protagonismo social de seu João era arrancado dele assim, impiedosamente, ao mesmo tempo em que os

olhares deformados pelo riso mais bestial de que já tive notícia o observavam descer cabisbaixo.

No romance *A Caverna*, José Saramago escreveu:

“Se te espetam uma faca na barriga, ao menos que tenham a decência moral de te mostrarem uma cara que seja conforme com a ação assassina, uma cara que ressumbre ódio e ferocidade, uma cara de furor demente, até mesmo de frieza desumana, mas, por amor de Deus, que não te sorriam enquanto estiverem a rasgar as tripas”.

As tripas de seu João não eram rasgadas. Mas o que lhe rasgavam doía mais fundo.

Recordando esse episódio melancólico, vieram-me à mente outros episódios ocorridos dentro do ônibus, esse lugar tão apropriado a fornecer-nos, tamanha a oferta de amstras, ajustes de nossas percepções sobre nós mesmos, sobre o mundo e mais a gente que nele vive. Um desses episódios, que diz respeito ao mundo da Física (aquela falsa sensação que temos quando estamos distraídos no semáforo e o ônibus ao lado se põe em movimento), certamente também ensina muito sobre certa dinâmica social e o caso do seu João: quando o veículo ao lado avança, temos a impressão de estarmos indo para trás; quando ele por algum motivo vai de marcha à ré, parece que estamos indo para frente. Em questão de segundos, no entanto, descobrimos, com um semissusto, que na verdade estamos parados.

Um senso primitivo e inconsciente de antagonismo, hostilidade e, pasmem, dor de cotovelo, fazia os sujeitos apertadores de campainha sentirem que estavam indo para trás quando seu João fazia seu pequeno movimento social para frente. A mesquinharia desprezível que eu via estampada em seus rostos seria capaz de acionar qualquer estratégia ali disponível para que as luzes da ribalta recaíssem momentaneamente sobre eles.

Lembro de uma matéria jornalística que contava que nos Estados Unidos, assim que a polícia divulga a ocorrência de algum crime, pipocam telefonemas de pessoas falsamente confessando a autoria. ¿Motivo? Aparecer nos noticiários.

(Acho que foi Andy Warhol quem disse que no futuro todos teriam direito aos seus quinze minutos de fama. Pois estão aí as reivindicações...)

Nunca me esquecerei daqueles dias e daqueles dois sujeitos, pelo teor de revelação contido na experiência. Por revelar tudo o que jamais na vida eu queria ser.

\*\*\*

Foi com tristeza que soube esses dias do falecimento do seu João, vitimado por uma parada cardíaca súbita, consequência da doença coronária. Não precisou tocar campanha alguma antes de sua última parada. Tudo o que precisava era de um coração.

## **Croniquinha: esclarecimento de um ponto**

Um aluno muito atento e curioso, e que já tinha lido textos meus publicados por aí, me perguntou: ¿Por que até nos textos em português você usa o ponto de interrogação invertido, professor, como no espanhol?

Respondi de forma parecida com o que se segue:

Porque perguntas deixam nossas certezas de pontacabeça. E porque gosto de imaginar que, num texto, as perguntas são pontos importantes de suspensão, de permanência. Em meio ao imenso mar de letras, palavras, frases e parágrafos, uma pergunta enclausurada entre os pontos de interrogação fica se parecendo com uma ilha. E uma ilha, em meio à vastidão oceânica, é um convite à investigação, à contemplação. É terra a ser explorada, como fizeram (para o bem e para o mal) os espanhóis, homens do mar.

Perguntas não são portos de passagem. São portos de parada.

¿Né?

## Quarentena: ¿O que os filósofos diriam sobre o Coronavírus?

Dentre os efeitos colaterais da terrível pandemia mundial, um deles é o fato de as conversas, as reportagens, os assovios, os versos e os sabores de pizza terem subitamente se tornado monotemáticos.

Não fui o diferentão da vez. Um diferentão nada mais é que um indivíduo pertencente a um grupo bastante numeroso formado por gente bastante parecida. Indiferente, pois, aos diferentões, escrevi, no dia 22/03/2020, um conjunto de frases que atribuí a filósofos, imaginando o que eles supostamente diriam a respeito do pandêmico pandemônio.

Para minha grande surpresa, o texto acabou sendo compartilhado, no Facebook e no WhatsApp, por milhares de pessoas, muitas vezes sem o meu nome abaixo, pois alguém, como se o nome do autor fosse uma espécie de poluição visual, uma afronta à concepção de que os textos, na rede mundial de computadores, surgem por geração espontânea em algum robótico centro irradiador, achou por bem cortá-lo. Ainda não é assim que os textos surgem, mas o fato é que, sem o perdão do trocadilho (nunca pedirei perdão por um trocadilho), o texto viralizou. E foi parar, também em sua versão anônima, até no *blog* do Juca Kfourì.

Como não sou conhecido, toda vez que leio textos cuja última linha ostenta o famoso “autor desconhecido”, fico quebrando a cabeça tentando lembrar quando foi que escrevi aquilo. ¿E não é que dessa vez tinha sido eu mesmo?

Então passei dois dias, entre aplausos e apupos, avisando as pessoas que era eu o autor do “texto sobre os filósofos”. Inclusive enviei um e-mail ao próprio Juca Kfourì, notificando-o sobre a autoria. E qual não foi minha surpresa quando ele, em pessoa, me ligou, dizendo que acrescentaria imediatamente

o meu nome a minha obra, juntamente com uma foto e uma gentil apresentação. Hoje, 14/10/2020, ainda é possível visitar seu *blog* e ler *Quarentena: ¿O que os filósofos diriam sobre o Coronavírus?*

Segue:

1. PLATÃO: fiquem na caverna!
2. NIETZSCHE: fique em casa, por mais difícil que seja suportar sua própria presença.
3. DESCARTES: *habito, ergo sum*.
4. HEGEL: tese: fique em casa; antítese: fique em casa; síntese: fique em casa.
5. HERÁCLITO: não se pega duas vezes o mesmo vírus.
6. BUDA: a paz vem de dentro de você mesmo. O vírus, de fora. Fique em casa.
7. ROUSSEAU: o homem é bom por natureza, mas o vírus o corrompe.
8. SPINOZA: o ser humano, em sua grande rede de afetos, não poderia deixar de ser afetado pelo vírus.
9. ARISTÓTELES: o vírus está apenas cumprindo seu papel no Cosmos ao infectar corpos.
10. SÓCRATES: a verdade sobre o vírus já está dentro de você. Tomara que o vírus não.
11. SANTO AGOSTINHO: a medida de amar é amar longe.
12. FRANCISCO DE ASSIS: onde houver vírus, que eu leve álcool gel.
13. PROTÁGORAS: o vírus é a medida de todas as coisas.
14. HANNAH ARENDT: para o vírus, matar é apenas uma tarefa banal e cotidiana.
15. MARTIN LUTHER KING: I have a virus.

16. KANT: duas coisas me enchem a alma de crescente admiração e respeito quanto mais intensa e frequentemente o pensamento delas se ocupa: o céu estrelado lá fora e eu aqui dentro.
17. VOLTAIRE: se o vírus não existisse, seria preciso inventá-lo.
18. FREUD: o vírus dá plena vazão a suas pulsões reprodutivas porque não é reprimido sexualmente, na infância, pela civilização.
19. JUNG: o medo arquetípico do vírus é uma herança entregue a nós pelo inconsciente coletivo.
20. ISAAC NEWTON: não acreditem em quem disser que não há gravidade.
21. LUDWIG WITGENSTEIN: aquilo que não se pode contrair, não se pode transmitir.
22. MIKHAIL BAKHTIN: não há possibilidade de neutralidade, todo vírus é ideológico.
23. BERTOLT BRECHT: primeiro o vírus infectou os chineses, e você não disse nada, depois infectou os italianos, e você não disse nada, depois, os espanhóis, e você não disse nada, agora o vírus te infectou, e você já não pode dizer nada.
24. BERGSON: é preciso que o homem seja tomado pelo elã vital, e não pelo elã viral.
25. JACQUES DERRIDA: é preciso desconstruir o vírus a fim de pôr a nu seus modos mais íntimos de organização, rastrear suas origens e desvelar suas intenções e significados implícitos.
26. ZYGMUNT BAUMAN: a maior evidência da sociedade líquida é sua dependência do álcool.
27. VILÉM FLUSSER: o DNA do vírus não pode ser decodificado porque a escrita acabou.

28. FOUCAULT: esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo são o que podemos chamar vírus.
29. WALTER BENJAMIN: a reprodutibilidade excessiva e sem freios traz como consequência a perda da aura de sacralidade do vírus.
30. SIMONE DE BEAUVOIR: não se nasce infectado, torna-se infectado.
31. SARTRE: nada a retificar, o inferno são os outros.
32. ALBERT CAMUS: hoje, mamãe morreu...
33. PROVÉRBIO POPULAR: se o vírus não vai até a pessoa, a pessoa vai até o vírus.
34. MARILENA CHAÚÍ: o vírus é uma abominação cognitiva, uma abominação ética, uma abominação política, eu odeio o vírus.
35. MARX: trabalhadores do mundo, separai-vos.
36. ROLAND BARTHES: o vírus não tem autor, só receptor.
37. OLAVO DE CARVALHO: o vírus é um idiota, eu sou um idiota. Na verdade, nem sei o que estou fazendo aqui nesta lista, nunca fui filósofo, só faço mapa astral.
38. CRISTO: amai-vos uns aos outros ficando longe uns dos outros.
39. JUDITH BUTLER: o fato de esta lista ser composta por 90% de homens revela como a história da humanidade é a história da dominação patriarcal. Homens são o verdadeiro vírus.
40. DERCY GONÇALVES: fica em casa, porra, caralho!

## Crônica número 2

Como é possível os cronistas, ditos farejadores dos acontecimentos cotidianos, não terem ainda coletivamente se debruçado sobre ela, criando, dessa forma, um firme repositório nacional de impressões sobre tal matéria, é o que aqui, assentado, me pergunto. Porque se há algo humano que possa ser classificado como universalmente cotidiano, sem margem para contestação nem nhe-nhe-nhem, mais cotidiano que o amor e a morte agrupados, é ela, como já bem alertava, nuns versos embebidos de verdade, o poeta Leminski: “Cagam ricos, cagam pobres/cagam reis e cagam fadas”

Os motivos desse tema ainda não ter sido aos montes despejado no mundo cá fora eu poderei apenas aventar, nunca alvejar de mira certa, pois devem ser de cunho bastante pessoal, habitantes dos internos dos artistas. Vergonha, talvez, pelo embaraçoso do assunto, ainda que eu não entenda a razão de o assunto ser embaraçoso. No séc. XVI, parece, o tópico era tratado com maior desenvoltura. Um manual de etiqueta chamado *A civilidade pueril*, escrito por Erasmo de Rotterdam em 1530, trazia algumas prescrições bastante curiosas:

- Não suje as escadas, corredores, armários ou tapeçarias de urina ou outras imundícies;
- Não se alivie diante das senhoras ou na frente de portas ou janelas de casas;
- Não cumprimente alguém enquanto a pessoa estiver urinando ou defecando;
- Não abra a roupa diante de outra pessoa quando for defecar;

- Se deparar com alguma coisa repugnante no lençol, não a mostre para o seu companheiro, nem levante a coisa fétida para que o outro cheire.

É perturbador, eu sei. Se tais práticas precisavam ser etiquetadas como reprováveis, imaginem o que mais aquela gente era capaz de fazer. Mas o importante é que o debate tirou a cabeça da toca e não foi negligenciado pelo artista. E ainda que o intuito não tenha sido rigorosamente o pedagógico, mas o humorístico, o humor não cria suas pautas a partir do barro, como Deus. A Erasmo, algo não lhe cheirava bem. Hoje, ao contrário, época de saneamento, água encanada, água sanitária, velas aromáticas, Pinho Sol, Bom Ar, incenso e Pato Purific; época de apetrechos como o reportado na revista Galileu, em 2018: “Invenção japonesa disfarça barulhos indesejados no banheiro. Basta apertar um botão que um som de descarga é emitido, com a duração de 25 segundos, suficiente para disfarçar a emissão ruidosa de gases nocivos”. Hoje, dizia eu, talvez o medo de que os leitores possam atribuir ao texto a mesma repulsividade da referida substância e arremessem, bugios, a piada pronta na cara do autor: “que texto de merda”, faz com que recaia sobre o assunto um pesado silêncio (ou ruídos maiores que o encubram, feito a invenção japonesa). Tenho aqui ao meu lado as obras dos mais variados cronistas e o máximo que encontrei foram eufemismos, notas marginais e corpos sendo tirados fora. É compreensível. Talvez seja o medo dos higienizados leitores apontados acima. Ou talvez a matéria não esteja ainda madura, nos conformes. Talvez a Musa não se afeiçoe muito aos coliformes. Quem sabe os artífices, em respeito à sua obra, ao seu obrar, não queiram meter o nariz onde não foram chamados. Ou quem sabe seja apenas o tal do espírito de uma era: se há algo que A civilidade pueril, cujo título facilmente poderia ter sido “A merda envergonhada”, nos deixa entrever é que a temática, antes coisa da vida pública,

ali passava a ser considerada coisa da privada, tendência essa consolidada pelos séculos vindouros. ¡Requintes!

¡Bem! Eu, ao contrário, aderindo ao mito propagado de uma arte visceral, que venha do fundo, e quem sabe atendendo a tendências e psicologias do mercado (psicocôlogias), espalharei nestas alvuras, fezes-teticamente, o meu creme excrementício artesanal (a merda *gourmet*), a tinta negra que, espero, por bem espargida, escorreita, produzirá em todos os leitores grande deleite e fruição. Evacuar, afinal, bem no final, tem de ser atividade prazerosa, ode à alegria, regozijo. “*De los placeres sin pecar, el más barato es el cagar*”, diz o gracioso dito espanhol. Já houve quem dissesse, inclusive, que os movimentos do esfíncter participam de forma decisiva da nossa construção como indivíduos: ao contrair ou dilatar deliberadamente essa porção estriada de músculos, a criança experimenta, em inauguro, o prazer que doravante nunca mais deixará de ser buscado: o prazer do controle, derivado da grande descoberta que é ser dona de seu próprio corpo.

Cagar empodera, eis a definição que escapou a Freud.

Mas não vou dar a este texto um rumo assim, de seriedades psicológicas. Quero é falar, pra não dizer que não falei das flores, que morrerei sem entender a existência de papel higiênico perfumado. ¿Se você dormiu abraçado com uma carniça, resolve alguma coisa passar Channel nº 5? Assim como nunca conseguirei alcançar os sentidos da propaganda em que o Reinaldo Gianecchini, de *smoking* e luvas brancas, carrega numa bandeja de prata um rolo de Neve Supreme folha tripla mais macio e mais absorvente. ¿Como assim, *caspita*? ¿O cara vai entrar no banheiro na hora H e ofertar, como um garçom, o limpa-bundas folha tripla à madame, ao barão? ¿Aguardará, em pé ao lado, até que o asseio – o passeio das três folhas pelo rabo – chegue a termo? ¿É isso, então, a mordomia: o enobrecimento do rebosteio de reis e fadas, a sacralização do barro régio? ¡Holy shit!

Vejam como o texto, assim como o esfíncter, às vezes foge ao controle. Porque queria mesmo era apenas fazer graça, sem me enfezar, e falar das vezes em que, por culpa da sanha gananciosa das empresas (ou do pão-durismo do escritor), enlameei os três ou quatro dedos que atravessaram a finura (não *finesse*) quase transparente do papel barato. Ou das vezes em que, sozinho em casa, pouco precavido e sem um Gianecchini (ou um Alfredo) pra chamar de meu, esqueci de verificar se tinha papel na privada (toailete, perdão), e, ultrapassando sem retorno os limites da desonra, meio de croque, meio caranguejo, andando de perna aberta para não melar as gêmeas partes da rabetá, tive de ir até a lavanderia buscar um, reencenando no caminho de volta até a patente a mesma degradante coreografia da ida.

(Escrevi toailete ali em cima e já me arrependi. ¿Como conseguem encontrar elegância numa palavra tão parecida com tolete? “Com licença, *monsieur*, o *escargot* não caiu bem, vou ali largar um tolete no toailete, não me demoro”)

Teve também o fatídico dia quando, no lotado ônibus Campo Largo-Curitiba, chamado Ligeirinho (ah, ironias...) senti o apelo, a urgência, a clemência imperativa do intestino, igualmente lotado. Ateu, rezei para todos os deuses aligeirarem a viagem ainda mais, enquanto observava as faixas seccionadas pintadas no asfalto passarem, uma a uma, sugerindo, em bizarra analogia, o tamanho do problema que em mim eu carregava e o número das faturações que eu teria de praticar para solucioná-lo. Eu via bosta troço esterco estrume em tudo, se ainda não desconfiaram. E uma vez que os pelos do braço se arrepiam, meu congênere, meu igual, meu irmão, é porque não tem mais jeito, a coisa toda está por acontecer, nos regulamentos da vida.

Torcendo as pernas, cerrando os punhos, tentando heroicamente derrotar os voluntários repuxos do baixo ventre, desfigurando em caretas a cara já não muito bonita, tencionando canalizar para a insubordinada frouxidão retal a tensão

voluntariamente posta em todos os outros músculos, ainda tive de ouvir da senhora ao lado a cretinice da pergunta “¿você está bem?”. Sorte dela meus pensamentos estarem no momento todos concentrados numa única questão: arriar, passar o fax, soltar o barro, rebocar a louça, chapiscar a porcelana, cortar o rabo do macaco, fabricar os churros, libertar o pardal da gaiola, fazer um *download*, tirar o quibe do forno, avaliar o Produto Interno Bruto, construir uma barragem, pintar um quadro barroco, fazer um depósito no BankBoston e mais toda a centúria de expressões mais ou menos eufemísticas ou mais ou menos escrachadas ou mais ou menos grosseiras utilizadas para manifestar que produzimos merda em escala industrial, 150 gramas por dia, todos os dias, vezes sete bilhões.

Na mais completa ausência de recursos, na absoluta impotência diante da traição do próprio corpo (¿viram como o Ligeirinho demora?), no rosto de onde sem lei escorria o suor (outro líquido excretado por orifícios), tive de deixar a viagem prosseguir (se não tem remédio, remerdiado está), já sabendo que o pior às vezes acontece, como de fato estava prestes a acontecer. A Lei da Gravidade e o peristaltismo são implacáveis; os deuses, ressentidos; o Ligeirinho, lento (o maldito tem um limitador de velocidade). Senti, na descontração sem rédeas do espasmo, o líquido morno (sim, era uma diarreia) escorrer caudaloso por entre minhas pernas no exato instante em que o ônibus chegou ao terminal e abriu as portas, principalmente a dos fundos (posso agora escarnecer-me, já passou). Foi por pouco, por muito pouco mesmo, o banheiro ficava a poucos passos da plataforma. Entrei no banheiro (¿cagando e andando?), terminei de me esvaziar, limpei o que dava pra limpar (o menos pior do dia era a bermuda escura), chorei, maldisse a minha sorte, praguejei contra o destino, lamentei não ter obedecido à cláusula de Erasmo: “Não se alivie diante das senhoras”, desejei ser carrapato e peguei o ônibus de volta, derrotado, aviltado, envergonhado, além de isolado no fundo,

a fedentina repelindo a todos. Compreendi a repugnância, dos males esse era o menor. ¿O que é um peido pra quem tá cagado?

Isso aconteceu já faz muitos anos e nunca me imaginei escrevendo a respeito desse episódio hediondo, pestilento, putrefato. Talvez o faça obedecendo ao desejo petulante de acrescentar um verso ao "Poema em linha reta", de Álvaro de Campos: "E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil, /Eu, que tenho me cagado dentro dos bondes ao lado das senhoras". Talvez porque, uma vez eleito o tema, é preciso sem reservas botar tudo pra fora. E olhando em retrospecto, pelo prisma do conjunto de ideias que hoje cultivo, ou pelo simples sentar-se para escrever e pousar as mãos sobre o teclado, atos que magicamente acionam em mim os mecanismos associativos mais singulares, penso que esse dia, por vias sinuosas como são as do intestino, trouxe em seu bojo uma constatação mais difícil de ser percebida: a de que não existe dignidade se você não tiver um espaço privado e trancado para amar, comer, dormir, cultivar sua privacidade, proteger-se das intempéries e, principalmente, defecar. E isso inevitavelmente me arremessa na cara a grande vergonha que é, para mim que tenho casa, conviver pacificamente com a perversa realidade enfrentada pelas pessoas que não têm.

¿Onde fazem diariamente suas necessidades fisiológicas as pessoas que não têm onde morar?

Sim. A crônica endureceu. Há matizes, sabores e texturas para todos os gostos neste mundo de merda.

## Dia desses

Dia desses, recebi um e-mail...

Se você é leitor de crônicas, provavelmente já deve ter reparado em quantas crônicas começam com a modorrenta formulazinha adverbial “Dia desses”. E imediatamente deve ter se perguntado: ¿qual desses e de que tipo: ensolarado, chuvoso, feirante, domingueiro, tedioso, irritante? Porque, convenhamos...

Se você é leitor de crônicas, provavelmente já deve ter reparado em quantas crônicas, lá pelas tantas, acrescentam-se a si a frase “Porque, convenhamos...”, como se estivesse solicitando, aos mais diversos leitores, uníssona aquiescência às peculiaridades muito provavelmente pertencentes só a ela, não sendo outro o significado da palavra “peculiaridades” a não ser aquelas coisinhas que são só nossas.

Porque, convenhamos, para um leitor que lê a crônica no Rio de Janeiro, o “dia desses” é um, mas, para um leitor que lê a crônica em Itaquaquecetuba, o “dia desses” pode muito bem ser outro, não sendo diferente aqui no Paraná, onde dia desses passou um ciclone arrasando e varrendo tudo. E nestes tempos de...

Se você é leitor de crônicas, provavelmente já deve ter reparado em como os cronistas de todos os tempos sempre desandaram a falar coisas como “nestes tempos de...”, não se satisfazendo em parar por aí e enchendo páginas e páginas com inconformismos os mais variados relativos a estes, aqueles e quaisquer outros tempos, perdidos e encontrados, de forma que...

Se você é leitor de crônicas, provavelmente já deve ter reparado no paralelismo deliberadamente instaurado aqui nesta e, conseqüentemente, reparado em quantos cronistas acionam esse “de forma que...”, tendo provavelmente ficado bastante prenunciável o subsequente desfile de uma série de corolários, efeitos, ditos e feitos que a eles lhe parecerão muito

sagazes, porque nessa altíssima conta se levam os seres viventes decididos a escrever crônicas.

De forma que a isso damos o nome de forma, daí derivando estarem plenamente justificados todos os sinaizinhos de reticências espalhados no parágrafo localizado antes do anterior, mais especificamente o que fala “nestes tempos”. Porque nestes tempos de internet e globalização, o leitor bem pode estar estanciado em qualquer canto do planeta, não se limitando geográfica e qualitativamente às similares Rio de Janeiro e Itaquaquecetuba, podendo ler, noite dessas em vez de dia desses, em Adelaide ou Yokohama.

Mas dizia eu que...

Se você é leitor de crônicas, provavelmente já deve ter reparado em como elas precisam, depois das mais variadas interrupções e digressões e comentários jocosos, retornar ao tema valendo-se da placa de retorno “Mas dizia eu que...”, como que reconhecendo nos leitores sua capacidade de entrar numa vereda e, após longa ou breve incursão para fora do caminho principal, reconhecê-lo ao topar novamente com ele; reconhecendo nos leitores as brasileiríssimas pessoas já bastante acostumadas com nossos papos pluritemáticos e sempre em curva, em espiral, tergiversantes, repletos de rotatórias, desvios, contornos, entroncamentos, bifurcações, trevos e encruzilhadas.

De forma que, dizia eu, nestes tempos de *coachs*, tutoriais e receitas milagrosas, dia desses eu recebi um e-mail de uma empresa de autopublicação, intitulado “Escrevendo uma crônica em 10 passos”. E, se você é leitor de crônicas, provavelmente já sabe que um cronista não perderia nunca uma chave de ouro dessas e não poderia nunca ter respondido de outra forma, a não ser assim: ¡Gente, que coisa mais peripatética. Eu só consigo escrever sentado!

## ¿Pau que nasce torto nunca se o quê?

Calhou de esta ser uma época de problematizações. Todo mundo problematiza e problematiza-se tudo, a torto e a direito: das fantasias de carnaval até qual seria a ordem mais correta (mais direita) de se calçar as meias e o tênis: ¿meia, meia, tênis, tênis ou meia, tênis, meia, tênis? (Eu, da minha parte, a partir de hoje só visto tênis, tênis, meia, meia e que não me venham encher os pacová.)

Até mesmo os descontentes com o que consideram um número excessivo de problematizações acabam problematizando o fato de existir um número excessivo de problematizações, acrescentando, de forma insuspeita, mais um número ao número que acham excessivo.

Eu, filho alinhado a esta minha época escorreita, além de filho de Deus, também venho ora reclamar a parte que me cabe do direito de espernear. Não serei logo eu o excêntrico que não encontra erro em nada nem aponta o dedo acusador contra ninguém. Como benefício adicional, ainda preservo a saúde, afugentando a possibilidade de levar pedrada dos dois lados ao bancar o diferentão domiciliado na parte mais elevada do muro que não estava ali, mas agora está, juntando-se a ele, em contiguidade irmanada, o arame farpado, os cacos de vidro e a cerca elétrica.

Problematizarei, pois. E o farei apontando meus dedos salivantes aos nunca antes apontados – porém evidentes – pressupostos de um famoso ditado popular.

“Pau que nasce torto nunca se endireita”, diz a proverbial sabedoria popular brasileira.

Mas não, não vou problematizar o torto conceito embutido no provérbio, que sustenta que já se nasce pronto, com todos os defeitos já postos, irreparáveis, e que cultura, época,

família e o mundo errado não são decisivos na constituição de um indivíduo.

O que vou contestar é por que caralhas, como deixa bastante claro o verbo “endireitar”, presume-se que o pau torto nasceu virado para a esquerda. ¿Esquerda do ponto de vista de quem?

Porque a verdade é que se eu me posicionar no lado oposto a quem afirma que o pau está torto para a esquerda, obviamente para mim o pau estará torto para a direita.

Isso, a propósito, me lembrou de uma piada curtinha que ouvi certa vez. Um dos fugitivos diz ao outro: rápido, se esconda atrás da árvore. No que o outro responde: qual parte da árvore é atrás? Ambos são presos.

Ok, problematizar em determinadas circunstâncias pode não ser a alternativa mais esperta. Mas, nesse caso, ao menos projetou o problema à lupa da investigação. Na cadeia, nosso fugitivo filósofo e seu comparsa (este mais que aquele) terão tempo para se posicionar (a língua é uma coisa linda) sobre a questão.

Porque, inferências avante, quem está situado a 90 graus dos sabichões da esquerda e da direita, forçosamente terá de afirmar que o pau está envergado ou para trás ou para frente, a cada um desses abrindo-se a possibilidade da criação de um adágio diferente.

Percebam nisso o fundo buraco ideológico-posicional no qual estamos metidos, pois a língua nem mesmo nos oferta verbos que indiquem o retorno do que é torto para trás, para frente ou para a esquerda. O pau nunca endireitado está aí, espalhado, dicionarizado, na boca de todos, ¿mas quando é para a esquerda que o pau nunca retorna, usa-se o quê? ¿Esquerdificar? ¿Pau que nasce torto nunca se esquerdifica? ¿Nunca se esquerdeita? ¿Nunca se esquerduta? ¿E quando é para trás ou para a frente? ¿Pau que nasce torto nunca se enfrenta? ¿Pau que nasce torto nunca se atrasa?

Como problematizar não resolve muita coisa, mas pelo menos expõe a coisa, deixo aí a coisa exposta. Se estiver meio torta, morrerá assim, torta, sem adestramentos nem acanhamentos. É meu Direito não mexer numa vírgula, esse torto sinal gráfico envergado desde sempre para a esquerda.

## Minha nova profissão

Eu não deveria vir aqui contar vantagem por recentemente ter me tornado *sommelier* de pinhão. Mas, em nome da publicização de ideias pioneiras, cujo conhecimento poderá servir de inspiração a futuros empreendedores, deixo lá fora a modéstia e aqui dentro minhas primeiras impressões, a propósito de iniciação, a respeito da folclórica semente, alimento tanto da mítica gralha-azul quanto do bugio roncador.

Antes, porém, já que estamos a fazer a apologia da publicidade, um pouco de cultura geral.

O pinhão é a semente da pinha. A pinha é o fruto do pinheiro. Pinheiro é o nome popular de uma árvore conífera (tem forma de cone, mas nós preferimos enxergar nele uma taça porque taça lembra vinho, que é europeu, e cone lembra estrada bloqueada, Brasil), também chamada de araucária ou pinheiro-do-Paraná, cuja espécie é cientificamente nomeada *Araucaria angustifolia*.

A angústia de seu nome provavelmente se deve ao fato de as centenas de sementes ficarem muito coladas umas às outras dentro da pinha, apinhadas. E o peso da proximidade excessiva, matriz da sociofobia e da claustrofobia, as faz inchar e despencar, numa queda a um tempo traumática e libertadora, também chamada queda livre.

Por aqui temos “pinheiro” até em “curitiba”, contração de palavras de origem guarani cujo significado é “grande quantidade de pinheirais”, embora Curitiba já não tenha tantos pinheirais assim, agora que orgulhosamente suplantou qualquer vestígio indígena e é uma cidade cem por cento europeia, com neve, bulevares, castelos, polenta e uns nazis.

\*\*\*

Finalizado esse nosso breve panorama histórico e contextual, versemos agora sobre o tópico principal, verdadeira razão de todos estarem ainda acompanhando.

Nutricionalmente falando, pinhão é carboidrato puro, praticamente um embutido de amido. A natureza, não obstante, é sábia. E a porção de proteína, tão necessária ao bom equilíbrio nutricional, vem às vezes ali escondidinha, em forma larval, clandestina na semente da araucária. O bicho da goiaba, só que no pinhão.

Gastronomicamente falando (não bastasse a satisfação do sempre desejado balanço nutritivo), essa nossa sulina e apetitosa iguaria, que pode ser apreciada cozida, assada na chapa ou sapecada no sapé – que é um galho seco caído do próprio pinheiro, ou seja, é como comer um ovo preparado no fogo ateadado nas penas da galinha –, também vê seu tradicional sabor terroso-amadeirado e sua textura farinhenta recebendo o requinte das notas cítrico-avinagradas mais o toque de cremosidade agregados a ele pela albina larvinha, que é uma broca. De modo que o sabor ora é mais salientemente amargo, ora tende para os acordes agridoce, sendo às vezes amargo e doce ao mesmo tempo, mimetizando, assim, a vida, ou a rúcula, que será, a rúcula, não a vida, o tema de nosso próximo episódio culinário.

## **Croniquinha: ço que é real?**

Quando eu tinha 10 anos, meu amigo imaginário olhou para mim e disse: "preciso seguir o meu caminho, acho que você não é real".

Virou as costas, abriu a porta e desapareceu estrada afora.

## Uma vida importa

É assombroso, vertiginoso, enlouquecedor pensar no número de acasos e coincidências que precisam acontecer, em instantes milimetricamente precisos e coordenados, para que uma pessoa nasça. A probabilidade de que esse conjunto particular de átomos, que hoje você chama de você, se insurgisse contra o inorgânico e, chorando e esperneando, se desprendesse dali, era tão absurdamente ínfima que é realmente feito notável o empreendimento ter chegado a bom termo. E, no entanto, chegou. Provavelmente não será outra a gênese de todo nosso assombro e perplexidade diante da existência. E o fato de voltarmos acordados sobressaltados de madrugada, boca seca, um nó, tampouco terá outra causa. ¿Como é possível uma pessoa existir? ¿Como é possível que eu exista? Das profundezas do sono e do tempo surge esse aterrorizante “como”, empurrando-nos, vertigem abaixo, do galho da árvore ancestral e estatelando-nos no chão do absurdo.

Tomemos uma dessas nascidas e sobressaltadas pessoas como modelo.

Os pais dessa modelar pessoa, duas outras pessoas, tiveram de se conhecer num momento bastante específico, que bem poderia não ter ocorrido, bastaria ter chovido naquele dia, bastariam cinco segundos a mais ou a menos de luz vermelha no semáforo, bastaria um deles ter sido convocado para a guerra, bastaria um deles ter esquecido algo em casa e voltado para buscar, bastaria um tênis desamarrado, bastaria a desistência de se matricular naquele curso, bastaria a decisão de se matricular nele, bastaria uma gripe, bastaria o tio doente ter morrido não amanhã, mas hoje, bastaria um ter saído e o outro ficado, bastaria os dois terem saído em vez de ficado, bastaria os dois terem ficado em vez de saído, bastaria qualquer mínimo detalhe, todos irrelevantes à primeira vista, ter sido diferente, e esse momento específico simplesmente não aconteceria, os

pais de nossa pessoa-modelo não teriam se conhecido, não teriam feito sexo num outro momento bastante específico, um óvulo e um espermatozoide específicos não teriam se encontrado, se amalgamado, se fundido, e nossa pessoa não teria nascido, e teríamos um assombro a menos.

Os pais dos pais dessa pessoa específica, quatro outras pessoas, com toda aquela miríade de detalhes atuando rigorosamente em consonância, também tiveram de se conhecer num momento bastante específico, fazer sexo num momento bastante específico (não todos juntos, suponho), para que dois óvulos e dois espermatozoides específicos se encontrassem, se amalgamassem, se fundissem, caso contrário seus pais não poderiam nascer, nem se conhecer num momento específico, nem fazer sexo num momento específico, nem dar à luz essa pessoa específica que um dia, num bar, escreveria num papel, à guisa de anotação: é preciso prestar reverência a todos os que nasceram, porque o volume daquilo que poderia ter sido, daquilo que não foi, é tão vertiginosamente maior do que aquilo que é, que aquilo que é torna-se o verdadeiro milagre.

Os bisavós dessa nossa pessoa específica, outras oito pessoas...; os tetravós dessa nossa pessoa específica, 32 pessoas...; os decavós, 2.048...; as espécies ancestrais abandonando a água primitiva...; o primeiro microrganismo que um dia se replicou. De modo que, diante da pergunta "Você está grávida de quanto tempo?", a resposta mais verdadeira seria "De todo ele".

Desse ponto de vista, digamos, específico (é preciso prestar reverência a todos os que nasceram), reverenciar a pessoa de Hitler ou a de Martin Luther King seriam atitudes equivalentes. Ambos nasceram. Ambos se tornaram uma consciência. E era isso que nossa paradigmática e embebedada pessoa desejava reverenciar: os átomos que de repente se agruparam de determinada maneira e formaram uma massa capaz de se reconhecer como massa, uma vida capaz de se reconhecer como vida, um ser humano capaz de olhar para si

e dizer: eu sou humano, a minha vida importa; capaz de olhar para o outro e dizer: ele é humano, a vida dele importa.

“A consciência é um milagre. Tudo é milagre”, simplificou Bandeira, porque tudo É.

Hitler não se importava com a vida de algumas pessoas específicas e agiu para antecipar o fim delas. Recusando-se a reconhecer a humanidade do outro, vilipendiou a própria. Está descrito nos livros como aquilo que foi: uma pessoa hedionda, deformada, um ser humano (e é imperioso não o rebaixarmos da condição de ser humano) abjeto.

Todos aqueles que negligenciam a salvação de uma vida, embora não se importem, não terão diferente destino.

Escrevo esta crônica no dia em que o Brasil atinge a marca de cinquenta e sete mil seiscentos e cinquenta e oito pessoas mortas em decorrência da pandemia de Covid-19.

Cinquenta e sete mil seiscentos e cinquenta e oito pessoas.

Cinquenta e sete mil seiscentos e cinquenta e oito consciências, assombros, improbabilidades.

Cinquenta e sete mil seiscentos e cinquenta e oito milagres desaparecidos.

29-06-2020

## Não vou escrever crônica nenhuma

Por amor incondicional às contradições e aos paradoxos, que detesto, e principalmente por amor à zoeira, fui recolhendo ao longo da vida as mais deliciosas peças que a língua, zoeira inveterada, adora pregar nas pessoas. Por descuido, índole ou inabilidade exclusivamente destas.

São aquelas coisinhas que as pessoas dizem que não vão fazer, embora estejam fazendo essas coisinhas no exato instante em que dizem que não vão fazer. Algo como Sócrates manifestando que sabe que nada sabe. Caetano proibindo proibir. E a originalíssima “Banda Sem Nome”. Ou alguém emitindo a ordem “Não me obedeça”. Ou outro alguém afirmando que a lógica da língua é ela não obedecer à lógica. Ou como se eu dissesse que jamais me aventuraria a escrever sobre aquelas coisinhas que as pessoas dizem que não vão fazer, embora estejam fazendo essas coisinhas no exato instante em que dizem que não vão fazer, sendo que todos aqui percebem que estou escrevendo sobre aquelas coisinhas que as pessoas dizem que não vão fazer, embora estejam fazendo essas coisinhas no exato instante em que dizem que não vão fazer.

Não sou capaz de levantar hipóteses sobre as motivações de tal comportamento, se força de estilo ou fraca reflexão, se ironia ou falta de repertório, se uso de bengalas discursivas para preencher vazios ou analfabetismo funcional. Satisfaço-me apenas (e não é pouco) com a pura experiência intelectual que é desfrutar o sabor das amostras colhidas, amostras essas que serão prontamente reconhecidas, pois ditas o tempo todo, apesar de nem sempre serem conhecidas as suas mais básicas significações. E eis aí a primeira contradição: re-conhecer antes de conhecer, embora não seja dessa qualidade de contradições que eu queira tratar, e sim das que se seguem.

Ao escrever “sem comentários” na caixa de comentários do UOL (ou do G1) você estará fazendo um comentário na caixa de comentários do UOL (ou do G1). O único não comentário existente (e, portanto, não existente), é este:\_\_\_\_\_.

Ao dizer “nada a declarar”, você estará declarando não estar declarando nada, fazendo, pois, uma declaração.

Ao indescritível não cabem adjetivos, e indescritível é um adjetivo. Dizer que algo é indescritível, então, é uma forma de descrevê-lo.

E é mais ou menos por aí que a coisa anda, desde brincadeiras inocentes como “Não consigo falar nada neste momento” ou “Não tenho mais nenhuma palavra a acrescentar nesta conversa”, até estratégias mais ardilosas de esposas dizendo aos maridos “Nem vou comentar nada sobre o que você fez semana passada” ou políticos, em cadeia nacional (!), dizendo “Não estou aqui para falar da incompetência do meu adversário, nem dos desvios de verba da merenda das crianças”.

Esse recurso retórico, a propósito, tão astuto e malicioso, leva até um nome, pomposo embora. Mas não estou aqui para falar sobre preterição. Nem sobre a preterição de pessoas anônimas e muito menos sobre a preterição de escritores renomados, como Machado de Assis, que nas suas Memórias Póstumas de Brás Cubas escreveu: “Não, não direi que assisti às alvoradas do romantismo, que também eu fui fazer poesia no regaço da Itália; não direi cousa nenhuma”. E alguns capítulos adiante: “calo-me, não digo nada, não conto os meus serviços, o que fiz aos pobres e aos enfermos, nem as recompensas que recebi, não digo absolutamente nada...”

Da pena da galhofa, que hoje atende pela alcunha de zoeira, já escapuliram incontáveis caracteres. E os exemplos de um “não” se tornando “sim” poderiam se estender largamente, mas vou preferir preterir as preterições, contradições, paradoxos, zoeiras e exemplos, anônimos ou literários, e vou focar no

dia em que dei de frente com um muro no qual haviam pichado a seguinte maravilha:

Coisas que odeio:

1. vandalismo
2. ironia
3. listas

Ou no dia quando, lendo Fernando Sabino, não pude deixar de perceber que ele, após incluir a palavra “inenarráveis” no subtítulo de seu romance *O Grande Mentecapto – Relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações*, passa duzentas e vinte e cinco páginas narrando as tais inenarráveis peregrinações. Sabino, aliás, não parou por aí, afinal peregrinação pressupõe movimento. Parece ter o grande escritor mineiro se afeiçoado bastante à técnica e lá pelos arredores da página 172 lê-se: “(...) metera-se numa contenda com o vizinho por uma questão de limites: de tal maneira se desavinham e tão complicada era a referida questão, que por pouco não sou forçado a usar a palavra pendenga”.

E o caso do Rubem Braga, então, esse nem se fala. Na crônica “Verdadeiro Fim da Aventura em Casablanca”, o velho Braga solta um “Neste ponto eu me detenho. Não contarei o caso do americano bêbado que queria brigar com um francês (...) nem como me retirei sem pagar a conta”. ¿Sério, Rubão, aplicando calotes etílicos mundo afora? Sem comentários...

Mas não quero, nem por muito nem por pouco, criar pendengas com os admiradores de escritores desse nível, que sempre souberam o que estavam fazendo, e tampouco com admiradores de escritores de nível oposto. Primeiro, porque nem sempre a linguagem deve ser tomada em seu sentido literal, não é líquida, e o pé da letra não poucas vezes sói ser

manco; segundo, porque não quero nesta crônica acrescentar mais citação, nem preterição, nem contradição nenhuma. Depois, porque todas as contradições e preterições são iguais, mas algumas são mais iguais do que as outras. E por último porque não sou como o Roberto Carlos, que tem tanta coisa pra lhe falar, mas com palavras não sabe dizer, e depois fica quatro minutos e meio usando palavras pra dizer.

## Jogos de palavras

Ainda que seja muito fácil confundir bom senso com bem sonso, é inegável que trocadilhos, frases de efeito, anagramas, palíndromos, neologismos, duplos sentidos, paródias, jogos de palavras, palavras de jogos etc. oxigenam a língua e não permitem que ela se oxide, não permitem que ela, a ferramenta mais definidora da espécie, se enrijeça num uniforme sisudo, bicudo e cinza aferrado à posição de sentido (ou imposição de sentido), quando tantas são as posições possíveis.

O trocadito mais baralho, o mais incendiário e dolorido trocadilho jamais concebido – o trocadilho inflame – sempre empunhará com destemor o forte holofote (holoforte) cujas luzes incidem exclusivamente sobre a língua e a põem em evidência, aproximando-a novamente de nosso embotado campo de visão e fazendo com que alegremente desviemos do fabril automatismo transmissor de ideias, conceitos e serás-que-vai-chover. Tais recursos são, também, meios de que a língua se vale para sua autocrítica e autoanálise, para desnudar-se em frente a um espelho e rir do inusitado da situação, rir de sua própria falta de pudor e de suas roupas de corte fino atiradas ao chão ao som de *You can leave your hat on*, de Joe Cocker (sem trocadenglish com o glande... ops... com o grande Cocker, por favor). São tais recursos, dizia eu, uma espécie de vulcanismo linguístico responsável pela criação de ilhas, pela fertilização de terras e pelo alívio da pressão interna de um sistema sempre em ignição, ainda que às vezes aconteça de sepultar alguma Pompeia desavisada e faça as pessoas fugirem desesperadas: ossos do ofídio.

E por falar em cobras, há inúmeros bons motivos para a língua ser flexível: experimente falar “lesma lerda” sem chicotear os dentes superiores com a língua. Ou repetir indefinidamente um lalalalaala enquanto fecha os olhos e tapa os ouvidos com os dedos. E isso sem mencionar já mencionando o lamber

coisas, imitar ruídos corporais constrangedores e ser mostrada para os chatos.

Por sorte há os que sabem ser a língua brinquedo de fazer estripulia, igual bola, papagaio, pião, que ela se encanta menos com uma linha reta do que com uma curva acentuada, que a frase mais bipolar deste planeta bipolar só poderia ser “tremendo calor!”, e que a manchete mais Extra! Extra! extraordinária da história será a sintética “Máquina do tempo foi testada com sucesso ano que vem”.

Eu mesmo, de um jeito bem estabananado, penso nela o dia todo: em sons, em sílabas, em morfemas, em prefixos, em sufixos, em tiradas, em colocadas, em ambiguidades, em antriguidades, em desmontar palavras para remontar depois, em sentidos obscuros para palavras claras, em lamber coisas, em fins, enfim, para se dar à língua. Ontem mesmo contei uma piada a um poeta e ele Rilke riu...

Por pensar nela o dia inteiro, na maioria das vezes, confesso, acabo pensando um monte de bobagens que me envergonham muito. Mas, como a vergonha é minha, eu fico com ela onde eu bem ou mal entender. Se não gostarem, tenham paciência, minha metrocadilhadora giratória não cessará fogo até o ponto (de bala) final. Inclusive, antecipando os que vão falar “Olha lá, se acha o engraçadão, mas só fica batendo na mesma tecla”, digo: kkkkkkkkkkkkk. Inclusive, acho que essas pessoas deveriam parar de dar a opinião que ninguém pediu. Mais ainda: pessoas peçonhentas como essas deveriam evitar o jararacasalamento e ir direto para o urutúmulo. Mais mais ainda: tendo por certo que neste momento estão me acusando de um radical maniqueísmo, respondo que quem não gosta de maniqueísmos está situado no lado oposto do daqueles que gostam. E vice-versa. E que aqueles que costumam tirar o seu da reta deveriam, pra variar, experimentar tirar o seu da reta-guarda.

Mas o mais terrível e inconcebível é quando alguns escritores muito higienizados (os ignobéis de literatura) reagem

furibundões e renegam e insultam esses expedientes linguísticos tão enriquecedores, tratando-os como vulgares, tolos, menores, numa tentativa indireta de silenciamento que tem como estratégia a ridicularização, a mofa, o apontar o dedo. Sobre tais tipos, permitam-me fazer uma colocação: para toda colocação, existe a possibilidade de uma tirada. Afasta de mim esse cale-se ou Chico Buarque com as consequências. Porque uma coisa que jamais farei é bater cartão de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor numa escrita burocrática de horário comercial.

Faço troca de escritor que desdenha troçadilho. Quase sempre é gente frustrada e sem criatividade incapaz de passarinho e que por isso passarão. Gente que, se estivesse condenada à pena de morte, nunca teria a dignidade de pedir como última refeição um prato executivo. Gente de vida molly que fazendo o maior rebulysses jogaria Joyce fora...

... Ou Shakespeare:

Na sagaz tradução de milorde Millôr, dois amigos de Hamlet dirigem-se a ele afirmando que estão às suas ordens. No que o marquês, digo, o príncipe dinamarquês responde: "Nada disso. Não desejo ordená-los; não quero sacerdotes. Pra falar com honestidade, ando mal servido e desordenado". Imagino essa gente antitrocadilhesca olhando Shakespeare, torcendo o nariz e, depois de um muxoxo, dizendo: é, até que era bonzinho, ¿mas precisava disso?

Mas não perco as estribeiras nem eiras por causa de ninharias. Posso não concordar com uma só palavra sua, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-la lá na casa do caralho, Voltaire, seu cretino. As palavras, como vê-se, podem ter muitos sentidos: em árabe, por exemplo, é da direita pra esquerda. E quando, num livro de autoajuda, li que é preciso estar preparado contra imprevistos, atirei-o no lixo. Por essa, ele não esperava...

A paciência é uma virtude, decretou em cinco palavras o sábio apressadinho.

Aos que agora há pouco ali em cima me acusaram de um excessivo e radical maniqueísmo, acrescento, em minha defesa, ser claro que nem tudo se reduz a só dois lados, às vezes é bom jogar as moedas fora e analisar os dados. E é claro que é possível escrever sem se valer desses golpes certos de capoeira, dados não pra derrubar, mas pra jogar com quem quer que leia. Muitos escritores são assim e nem por isso são ruins. Muitos, inclusive, estão acima da média, ainda que quando ouço a expressão “Você é acima da média” sempre pense naqueles alunos que passam de ano tirando 61. De qualquer maneira, há leitura pra todo tipo de gosto e desgosto neste mundo palavroso: leitura de formação, leitura de deformação... Eu gosto de deformar as fôrmas, não usar a língua para contar histórias, mas usar histórias para contar a língua, espatifar feito patife vocábulos sem me encabular, numa algazorra gidantesca e ausente de aritmética. Se cunhado fosse bom, não começava com Cunha, e se convenções e fórmulas agem como expedientes estruturantes da sociedade (na linguagem, nos comportamentos, nas antípodas noções de feio/belo, certo/errado), então as rupturas e as invenções agem para desestruturá-la. “Sem forma revolucionária não há arte revolucionária”, disse Maiakóvski. E outro Kowski, dessa vez o Buk, complementou: “Meu único problema é estar sóbrio”.

(Aliás, para efeitos de parênteses e parentescos, no mundo houve apenas um Bukowski. O resto é uma caralhada de plagiadores: os bocóvski.)

É malandragem das boas subir o Everest com um dicionário na mochila para ter um vocabulário elevado, mas não se deve acreditar tanto assim em números, eles são muito calculistas. Além disso, uma palavra que avoa será sempre mais bonita que dois verbetes na gaiola. Tome algumas como modelo libertário: ao som de *You can leave your hat on* (¿é ou não é de tirar o chapéu essa música?), pegue todas as letras da palavra

“neurótico”, embaralhe-as, jogue-as uma por uma na mesa, lentamente, desfazendo-se delas até elas formarem “nu erótico”. Depois toque algo do Axl Rose, inusitado anagrama de *oral sex*. ;Seja feliz!

E por falar em Freud, e por falar em anagramas, e por falar em língua, vejam que maravilha esse anagrama-trilíngue-freudiano que encontrei fresquinho no mais fundo do inconsciente de um amigo muito, muito próximo que me obrigou a manter seu nome estranho no mais absoluto sigilo: MADRE/DREAM/MERDA. É de implodir o cérebro de Édipos, antropólogos e trogloditas...

Mesmo se estivesse caindo de bêbado num botequim, Mikhail Bakhtin caçoaria de quem imagina que a língua, as palavras, humanas em demasia, possam ser puras. Basta uma olhadela cigana e oblíqua na palavra “pura” e em seus usos tão machadamente ideológicos: descrevem como “pura”, por exemplo, a mulher que nunca fez sexo, numa clara tentativa de exercer, através de tão bonita e tão pura (¡aham!) palavra, oblíquo controle sobre corpos femininos. De um lado, corpos limpinhos, prontos para uso, desfrute, usufruto e negociação; do outro, os sujos, de uma sujeira que nunca sai. “As palavras, na viagem para o poema, recebem nossas torpezas, nossas demências, nossas vaidades (...) As palavras se sujam de nós (...)”, poetou nosso poeta pantaneiro.

Mas voltando às fracas vias, ops, às vacas frias, tenho um afeto muito especial pelas paródias. Maneira de se reportar aos sérios e prestar-lhes a devida consideração ou achincalhe. Uma grande frustração na vida foi terem boicotado minha futura e promissora Canção do Arzírio: com o visto negado na embaixada, me obriguei a ficar por aqui mesmo e abortá-la. É o que sempre digo: estadunidenses com Trump, latinos sem trampo. E as águias que lá gorjeiam não gostam de dar gorjetas pros de cá.

*O rumo é temor, promete o muro.*

Outro jogo que me fascina são os palíndromos, como o da linha acima. Sou tão entusiasta e apaixonado por eles que me casei com Ana. Inventei alguns deles também, dos quais me orgulho muito. Ô coisa difícil de fazer. Vejam este: *Aí ó Jesus, Eva, Javé: SUS é joia*. Sei bem que nosso sistema de saúde é um caos horrendo, mas um palíndromo é sempre coisa salutar. E, como Javé e Jesus, um só em suas metades inteiriças. Aliás, Jesus, quando se dirigiu a Deus reclamando daquela gente que não sabia o que fazia, bem poderia tê-lo feito em palíndromês: *Eles só erram. Amarre-os, sele*. Seria uma medida muito mais eficiente do que o perdão, independentemente se o juízo divino interpretaria a ambígua forma verbal "sele" nos termos dos postais dos correios ou nos termos das cavalgaduras.

Mas das incursões pelo mundo inventivo dos jogos de linguagem, a que me dá maior prazer, por criar novas realidades, por suprir ausências que novas realidades criaram e por sua força ideogrâmicaglutinante, são os neologismos. Caminho tranquilamente entre flores violáceas, bailarinas no trabalho a trabalhar e noites pernilongamente ruidosas, ainda que me causem certa amorfinação e repelência as notícias fakéticas e os supraexcitados escrotores filhotes do câncervadorismo. É que prefiro Manoel de Barros e seus deslimites; Rosa e seus enxadachins; Joyce e sua boquimensa e barbir-suta. E todos os outros que jogam esses jogos tão cheios de vivacidade e perspicácia.

Sem mais por hoje, vou ali jogar, que eu ganho mais. Me despeço pedindo perdão por algum mau dito. Falhei, tá falhado, e não se falha mais nisso. Se não me perdoarem, também, que morram. Conheço duas formas de acabar com a vida que são tiro e queda.

## Jogos de palavras II

Dramática Normativa de Língua Portuguesa: deslições do dia. Preferencialmente, numa sala conjugada:

- Anotar os telefones dos verbos de ligação;
- Decorar as capitais dos verbos de estado e deixá-las bem enfeitadas;
- Massagear as articulações dos verbos estáticos para que possam se flexionar;
- Acalmar os radicais;
- Interrogar as exclamações;
- Abolir a imposição dos limitados gêneros masculino e feminino;
- Pagar mesmo salário a verbos principais e auxiliares;
- Eliminar a distinção entre pessoas de primeira, de segunda ou de terceira;
- Aceitar os artigos que já se definiram;
- Aceitar os indefinidos;
- Aceitar as palavras bigêneras, como “rabo” e “raba”, bem como a conjunção entre elas;
- Ter voz ativa, sem ser imperativa;
- Não há reis, portanto, não há regência;
- Refletir antes de usar os verbos reflexivos;
- Todo sujeito simples é complexo;
- Ordem direta é legal;
- Inversa ordem legal também é;
- Garantir ao “se” sua liberdade condicional;

- Entre os discursos direto e indireto, preferir o discurso livre;
- Perseverar, insistir, teimar, para livrar-se dos indícios de indeterminação do sujeito;
- Fomentar tratamentos psicológicos e psiquiátricos aos megalomaníacos superlativos, aos inferiorizados diminutivos e aos pronomes possessivos;
- Iniciar a autópsia de períodos decompostos;
- Toda palavra é singular, ainda que plural;
- Amar – verbo intransitivo;
- Amor – vocativo;
- Acrescentar a mesóclise à lista de doenças erradicadas no séc. XIX;
- Promover a gramaticalização do *ménage à trois*: radical fica no meio, prefixo encaixa atrás, sufixo na frente;
- Fazer uma análise, no mínimo simpática, das orações condenadas por insubordinação;
- Por respeito à ancestralidade, prestar irreverência aos substantivos primitivos;
- Não subestimar o pretérito imperfeito;
- Não superestimar o pretérito perfeito;
- Colorir os sujeitos ocultos do seu Manuel de instruções;
- Entre um Fusca, uma Kombi e uma Variant, preferir a Variant e chamá-la de Linguística;
- Arrumar bem as palavras, elas não sabem se vestir sozinhas.

## Quando Nietzsche foi à praia

A despeito da enorme e aparente homogeneidade monocromática percebida pelo olhar humano quando observa praias, dunas e montes na frente de construções, basta que alguns grãos de areia sejam colocados sobre a lâmina de um microscópio para que toda uma multiplicidade de cores e geometrias as mais inusitadas se torne visível.

Uma pequena porção de qualquer tipo de areia, retirada de qualquer lugar, torna-se, pelo escrutínio devassante das lentes enfileiradas, um verdadeiro universo em miniatura, um microcosmo revelador não apenas da rica complexidade oculta no minúsculo, como também da pobreza de nossas percepções imediatas.

Por certo não se passaria de outro modo com aquela pequena porção da areia da praia em que eu, sob um sol desde sempre apto a me exterminar, me encontrava, rodeado pela muita cerveja, pelos ruídos muito agitados da grande família ao lado, pela tenacidade das pequenas ondas que perseguiram os pés competitivos da menininha fugindo delas, pelo cachorro simpático que ia de guarda-sol em guarda-sol buscando alguma migalha humana que lhe enrijecesse um pouco a carne magra, pelos corpos muito brancos, imersos na ilusão do bronzeamento, resistindo à efetiva porém gordurosa proteção do filtro solar, e pelas peles submetidas à influência inescapável dos genes e do trabalho, e por isso não tão claras assim, dos vendedores de churros, de milho, de pamonha, de tapioca, de crepes, de coxinha, de sorvete, de água, de raspadinha, de cerveja, de água de coco, de colares, de óculos, de caixinhas de som, de redes, de algodão-doce...

E foi pelo vendedor de algodão-doce que toda a minha atenção, durante, depois e agora, foi mobilizada.

Todo vendedor, na praia ou fora dela, dispõe de certos recursos materiais para chamar a atenção dos possíveis consumidores. O sorveteiro tem o seu apito; o vendedor de redes tem o seu carisma e o seu desconto de 70%; a vendedora de pamonha tem um bordão inventivo; o que vende coco tem o apelo estético-glamouroso conferido a quem posa para a foto com um coco verde nas mãos; o vendedor de óculos de sol tem os modelos de última grife por preços que surpreenderiam os donos das grifes; o que vende cerveja tem... bem... tem a cerveja. Todos, enfim, devidamente guarnecidos de acordo com os códigos compartilhados entre os que vivem neste mundo de muita venda e muita compra.

O vendedor de algodão-doce, para evidenciar sua chegada (à parte a sedução e a eloquência do colorido das embalagens), dispunha daquele pedaço retangular de madeira que, quando agitado, movimenta uma peça de metal que bate contra ele e origina o indefectível chamado percussivo, identificando a distância por qualquer ser vivente.

Mas não era de qualquer forma que esse específico pedaço de madeira com uma peça móvel de metal era agitado. Bem poderia ter o vendedor escolhido alguma batida monótona e desritmada para nos comunicar sua passagem por aquela porção de areia. A compreensão se daria da mesma forma. Mas o que ele fez foi transformar o objeto em verdadeiro instrumento musical, tocando, a intervalos regulares de tempo, um ritmo irresistivelmente dançante e com traços indiscutivelmente africanos que meu amigo e compadre (e professor de música) Fernando Bonato identificou como maxixe, dança sincopada criada no Rio de Janeiro do séc. XIX.

Mas sua passagem não se resumia só ao ritmo. Aliado ao ritmo – como se houvesse um imperativo ético, uma necessidade fisiológica de demonstrar que nada ali acontecia sem uma vontade, sem um arbítrio –, cada passo dado por aquele homem marcava com precisão um tempo do compasso do maxixe, o que conferia à sua performance não apenas

uma tremenda coesão rítmica e visual (andando no andamento, brinquei depois), mas também transformava suas pegadas na partitura de uma música escrita no exato instante em que era executada.

Música difícil, composta por alguém que caminha 30 km por dia carregando nos ombros o peso de um sol inclemente junto ao fardo da doçura alheia, por alguém que bem poderia percorrê-los maquinalmente, queixoso e inanimado, sem alegria e sem amor pelos momentos irrepetíveis da vida, que são todos, por alguém que nunca poderia ser recriminado por uma queixa, caso as houvesse, mas que preferiu, como nos versos de Caeiro, não ser aquele que atravessa a vida olhando para trás de si e tendo pena...

Eu confesso que dancei - ou fui dançado - desengonçado como ninguém mais conseguiria, levado e tomado pela alegria de um momento puro em que os movimentos corporais simplesmente acontecem, entrelaçados de tal modo a uma cadência que já não se pode mais estabelecer quem originou quem.

Efêmera foi a passagem do vendedor de algodão-doce por aquela porção de areia, mas suficiente para que toda uma Filosofia e todo um jeito de tocar a vida contidos naquele ritmo contagiante me fizessem desejar segui-lo em sua via repleta de energia vital, de espírito dionisíaco, de alegria, dançando juntamente com a grande família agitada, com a menininha que corria das ondas, com o cão simpático e itinerante, com os outros vendedores e com mais todas as pessoas daquela praia que viveriam então um momento de eternidade, destituído de qualquer utilitarismo, irrepetível desde sempre, mas ele mesmo ávido por repetir-se.

Infelizmente, quase ninguém percebeu o ritmo passante e quem acabou passando foi a ocasião.

Assim falava Zaratustra: "A vida sem música seria simplesmente um erro, uma tarefa cansativa, um exílio". "Eu só poderia crer num deus que soubesse dançar".

Os que não entenderam Nietzsche ficariam espantados ao saber que o Übermensch é um vendedor de algodão-doce.

## O Sul e o frio

Nas inumeráveis camadas que compõem o repositório de minhas memórias está solidamente sedimentado o frio.

Como na manhã em que quebrei a água congelada no potinho do cachorro, afundando nela meus pequenos e impressionados dedos de criança. Ou como, nesse mesmo dia tão limpidamente azul, das torneiras não saía água, pois dentro dos canos jazia igualmente congelada.

Noutra dessas mnemônicas camadas, constituída de memória auditiva, reverbera nitidamente próximo o som de meus pés trincando a fina camada de gelo que vez ou outra a noite estendia sobre o gramado de casa. Um som que intimamente ficou ligado à cor branca, entrelaçados ambos e desde então confundidos nessa simbiose que inauguraria em mim a estranha peculiaridade de associar sons a cores: o canto amarelo do galo, o negro ribombar de um trovão, o apito vermelho do trem... (Sinestesia, aprendi muito depois, ainda que o frio anestesiasse as pontas dos dedos, arroxando-as.) Arroxado esse que só se distingia com o uso do aparelho doméstico mais essencial de que por aqui se tem notícia: o fogão a lenha, que produzia dentro de casa aquilo que não era possível encontrar lá fora – o calor, o conforto, o espichar-se – e sobre cuja chapa assavam-se a polenta e o pinhão e mantinha-se sempre aquecido o bule de café. Sem o alento do calor armazenado pela chapa de metal não se compreende a poesia do frio. E tampouco este trecho de Baudelaire: “Uma bela habitação não torna o inverno mais poético, e o inverno não aumenta a poesia da habitação?” Sim, Baudelaire, mas sem o uso do paraíso artificial que é o fogão a lenha talvez nem o teu vinho daria conta do recado.

É claro que nem tudo no frio é poesia. Mesmo com o alento do fogo, nele há um grande espaço reservado para os lábios rachados, para a garganta fechada, para a pele enrugada e

ressecada, para o incômodo que é dormir com muitas roupas e muitas cobertas, para a maldição inquebrantável da rinite, para a incontidência hidráulica do nariz, para o sacrifício medonho que é tomar banho e para os dias sem tomar banho (às vezes não rola fazer *strip* pro chuveiro não!). Somadas umas e outras coisas, contudo, não titubeio em conferir saldo positivo ao frio (tantas vezes negativo) e principalmente em elegê-lo como o espaço que primeiramente me possibilitou uma noção de identidade. Uma sensação de pertencer a um lugar, a um enquadramento, a uma indumentária, como se esse lugar (e essa é a verdade para a mente de uma criança de cinco anos) fosse o único que pudesse existir, o único no qual ela, a criança, pudesse existir. Eu sou de uma terra fria. Gosto de ser daqui. Sem exaltações ingênuas, sem fumos de jactância e sem ufanismos.

Um ufanista é um desastre falante. O orgulho exagerado, quando devotado ao chão em que se nasce, vez em sempre descamba em fictícia superioridade e segregação estúpida, em xenofobia e racismo, em violência e sangue.

Mas é possível ser grato a um pedaço de chão e amá-lo, pelo sal e pelo trigo que oferta, pelo córrego da infância a correr livre pelos interstícios da memória, pelo sabor do araquá, pelos recortes íntimos feitos das paisagens que habitamos e que depois nos habitarão e mesmo pelos obstáculos e reveses a nos escalavrar calejamentos.

Jamais serei um ufanista. Mas eu amo o Sul. E no Sul, para além dos pinheiros e dos campos gerais, dos pampas e das serras, dos cavalos e do chimarrão, do quentão pelando e do pinhão na chapa, também é o frio que nos constitui. Por tudo que de nós ele extrai e revela: amor ou ódio, aceitação ou repúdio, enfrentamento ou fuga. Pelos contrastes entre a força e a fragilidade que anuncia. E por ninguém poder ser-lhe indiferente.

O Sul é frio. E o frio é forja.

## **Croniquinha: Beagle Data**

Com legítimos objetivos literários (que agora até esqueci quais eram), entrei na página de uma loja de animais de estimação para fazer uma pesquisa. Três milésimos de segundo depois, em clara tentativa de demarcação de território, começaram a chover em minha caixa de e-mail, em meus perfis das redes sociais e na janela da sala de casa anúncios de roupinha para cães e outras parafernálias poodlezentas.

Mercadores deste mundo cão, algoritmos farejadores, vocês foram enganados. Deste mato aqui não sai cachorro.

## À vó Preta (*in memoriam*)

Algumas avós, quando enlouquecem, nos devaneios corriqueiros trocam o nome dos netos, trocam os pés dos chinelos, riem de imagens perdidas no teto, e nisso causam até alguma graça.

Nos desvarios mais aventureiros, procurando fugas de impremeditado curso, descobrem falhas na segurança do quarto, tropeçam nos desníveis da casa, escorregam na porosidade dos ossos e ferem pulsos e joelhos.

Mas é nas alucinações mais assombradas, quando mecanicamente seus corpos acatam as ordens de um imperativo milenar e surdo, quando elas encenam na loucura a reprise dos dias ditos lúcidos, é só nesse momento que assistimos ao roteiro do que foi sua condição: elas caminhando aflitas na direção do pátio porque é urgente ir rachar a lenha, porque é forçoso acender o fogo e a manhã vai avançada, porque é improrrogável o preparo do alimento e de alguma parte os filhos vão chegar, e porque sucederia algo de muito terrível se eles chegassem e a mesa não estivesse posta e ela não estivesse a postos.

Em seus olhos, vê-se a larga mirada do animal, isento de morte, seu ocaso sempre atrás de si; veem-se o presente perpétuo e a certeza de que nunca poderá se despedir de nós; veem-se a pequena criatura que permanece e a crueldade da oitava elegia de Rilke, porque adeuses são necessários.

Das memórias que o filtro da doença permite atravessar, sobressaem-se os automatismos da vida circular de um funcionário, os dias tão numerosos, mas que totalizam um, uma tristeza sem acompanhamentos, sem adjetivos de alta estatura, uma tristeza em estado de graça. Tristeza, apenas.

E é nossa.

\*\*\*

Quinze anos depois da morte da avó, no inadiável reencontro com sua velha casa de madeira, percebem-se as paredes e o teto sucumbidos à corrosão, administrada em doses mínimas e regulares pela chuva, pelo vento, pelo espaço-tempo distorcido; avista-se sua máquina de costura enferrujada e esquecida no fundo do assoalho, também partido; distinguem-se as vigas corroídas pelo tempo, as vidas corroídas pelo tempo.

São tantos os destroços espalhados, descolados de sua primitiva unidade, como que clamando ao visitante (pouco afeito a ferramentas e aos comandos mudos da matéria) alguma tentativa de reconstrução (“Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido”), a partir da qual se pudesse reler aquela específica e corriqueira história familiar, repleta de solidões e desamparos e infrutíferos esboços de alegria. Como se todo passado precisasse ser recontado, como se de cada instante pretérito fosse possível retirar grandes lições, como se não existissem histórias implorando por serem enterradas para todo o sempre num lugar fundo, muito fundo, protegidas de qualquer investigação, escavação, arqueologia, de qualquer progenitura ávida por conhecê-las, mas que nunca as compreenderia, que nunca olharia para a arrasada máquina de costura esquecida no fundo do assoalho como o objeto que, nascido sob o signo da reconstrução, não será nunca capaz de se reconstruir.

## A perversidade do clichê

No meio da rua, o *coach* se aproxima do miserável cata-dor de papelão e solta, convicto:

– É loucura querer resultados diferentes fazendo tudo exatamente igual. Você precisa sair dessa sua zona de conforto. Ninguém chega ao sucesso se não tomar atitudes corajosas. Um dia, eu perguntei a mim mesmo: se hoje fosse o último dia da minha vida, eu gostaria de fazer o que estou fazendo? E minha resposta foi “não”. Ali eu soube que precisava de uma mudança e ela só poderia ser uma mudança interior. Estar decidido, acima de qualquer coisa, é o segredo do êxito. Se você pode sonhar, você pode realizar, mas no que diz respeito ao empenho, ao compromisso, ao esforço, à dedicação, não existe meio-termo: ou você faz uma coisa bem-feita ou não faz. As pessoas não carecem de força, carecem de determinação. Momentos difíceis vão aparecer na sua trajetória, momentos que te farão querer desistir de tudo, mas o insucesso momentâneo é apenas uma oportunidade para recomeçar de novo com mais inteligência. Tentar e falhar é, pelo menos, aprender; não chegar a tentar é sofrer a inestimável perda do que poderia ter sido. E lembre-se sempre: você tem o poder de se tornar aquilo que imagina. ¡Namastê!

## Mus-eus

“Nós vivemos em uma cultura do hoje que de alguma forma, significativamente, decidiu utilizar a notável expressão ‘Você é história’ como crítica ou insulto”.

A frase acima, extraída do ensaio “Por que norte-americanos não estudam história”, do jornalista e escritor Christopher Hitchens, certamente dá o que pensar, principalmente quando, devido a seu uso frequente por aqui, nesta América mais ao sul, reconhecemos o “Você é história” como algo familiar.

O teor negativo atribuído ao passado pela frase é bastante perceptível, embora esse teor não seja encontrado exatamente nas palavras, ou em sua combinação, mas no conhecimento de mundo que, articulando-se com as palavras, faz o sentido da frase tornar-se inequívoco. Dizer “Você é história” é dizer algo intencionalmente rude, depreciativo, uma tentativa de anulação do outro como algo que sequer existe.

Algumas perguntas deveriam surgir automaticamente diante de um despropósito dessa magnitude. A pergunta mais universal de todas, motor que moveu e move o mundo, certamente seria uma das boas: “¿por quê?” ¿Por que raios as pessoas passaram a usar, com tonalidades pejorativas, a palavra “história”? Daria pano pra manga elaborar uma resposta. Daria manga, daria blusa, daria tese. Mas não é essa a pergunta que automaticamente me surge diante do “Você é história”. O que eu realmente me pergunto, sem poder disfarçar a perplexidade, é: ¿mas quem, afinal, não é história?

Provavelmente agora você não esteja comendo feijão. Mas você sabe que gosta de feijão (ou sabe que não gosta). ¿Como é que você pode saber que gosta (ou que não gosta) de feijão se o feijão não é, para você, um dado do presente imediato? Talvez seja porque, em algum momento do passado, você experimentou e gostou (ou não) do feijão e agora essa informação não consegue nunca mais deixar de te acompanhar. De te

acompanhar agora. Ela colou-se, aglutinou-se em algum recanto acessível da sua mente, da sua mente que é o seu corpo, do seu corpo que é você. Agora digamos que seja razoável chamar isso que aconteceu com você de história. Bastará então saltarmos duas casas para chegarmos sãos e salvos à inevitável conclusão de que você não é outra coisa a não ser história, assim, sem traumas e sem ofensas, talvez mesmo com alguma graça ou lisonja. Se quiser pode substituir a palavra “feijão” por “infância” ou por “aula de Biologia” ou por “assalto” ou por “solidão” ou por qualquer outra coisa na verdade, e o resultado será sempre você.

Repare, como um experimento de confirmação, no que acontece com uma pessoa acometida pelo Mal de Alzheimer. Perceba a dimensão da catástrofe que é, aos poucos, passar a viver sem passado, sem ter acesso às memórias associativas que o cheiro de feijão novo (ou de uma madeleine) causaria, sem reconhecer os rostos que foram tocados e amados por décadas, sem reconhecer os rostos dos desafetos. Depois tente se imaginar dizendo a essa pessoa, com toda a segurança e veemência que você possa se permitir, “você não é história”. Não seria apenas rude e insultuoso, mas cruel e desumano. Fazer desaparecer uma história é algo, literalmente, doentio. E se a catástrofe é tão pungente e dolorosa quando se trata da memória individual, o que dizer quando o que se perde é a memória coletiva, armazenada e protegida nas bibliotecas e nos museus, nos fósseis e nos artefatos?

Sei que a lógica do insulto “Você é história” também é aplicada à memória coletiva e que muita gente pouco se importa se ela será ou não preservada. Um dos comentários que mais me aterrorizaram quando do incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro foi o de um rapaz chamado Giovanni, comentário que transcrevo *ipsis litteris*: “na real sem brincadeira nunca vi ninguém morrer por falta de cultura ou nunca ter visto uma figura rupestre, vamos usar mais essas mídias para propagar algo válido para o nosso presente e futuro não algo de a 200 anos atrás que de nada irá modificar nos nossos dias atuais e nos por vim”.

Principiei tentando destrinchar alguns sentidos de “Você é história”. Prossigo com outra frase, igualmente reveladora.

É público e notório que a expressão «tempo real» é usada para referir-se ao instantâneo, ao imediato, ao presentificado já-sem-intervalo-ao-vivo-agora-mesmo. Ora, se há um tempo dito real, infere-se, por decorrência, a sua contraparte, um tempo irreal. E este, por oposição, só pode ser um tempo dilatado, prolongado, um tempo da demora, da lentidão, o tempo da História. Se, como suponho, o imaginário coletivo pode ser rastreado a partir do uso de expressões linguísticas, então o real é exclusividade do aqui e do agora e, para esse imaginário, significa que a História simplesmente não existe, é uma fantasmagoria, uma alucinação, uma irrealidade, águas passadas que não movem moinhos, uma roupa que não nos serve mais...

O desprezo pelo conhecimento, o orgulho genuíno pela própria ignorância, o desdém pela ciência e pelas artes, a lógica do mercado visando apenas ao consumo imediato e corroendo desde dentro nossa humanidade, a crença convicta no grande contrassenso que afirma só o presente importar, a ênfase raivosa posta nas expressões “não quero nem saber” ou “não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe” ou “quem vive de passado é museu” ou “você é história”... Cada pessoa que orgulhosamente ostenta essas características, neste país cujo próprio nome arde, empunha uma caixa de fósforos em uma mão e um galão de combustível na outra. Mesmo que sua mente, desde a mais tenra idade, armazene as informações: “combustíveis são inflamáveis”, “o fogo queima e destrói”. Mesmo sendo capaz de instantaneamente produzir fogo, algo que somente o acúmulo do conhecimento coletivo, através de sua preservação e perpetuação, permitiu fazer. Mesmo que para dizer “quem vive de passado é museu” tenha de fazer uso de palavras de uma língua europeia que há mais de cinco séculos aportou por aqui. Mesmo não sabendo que somos todos museus ambulantes, constituídos de carne, ossos, alguns ínfimos instantes de agora e décadas e séculos e milênios de memória.

## ¿Quantos pessoas cabem numa crônica? (pela ocasião do aniversário de 130 anos de Fernando Pessoa, em 13 de junho de 2018)

Conta-se que, numa certa cidade portuária, o dono de uma Tabacaria acabou fiando (¿tabaco?) a um sujeito de nome Álvaro.

Álvaro, que há pouco chegara à cidade e encontrava-se inativo, sentindo a vergonha financeira de não poder pagar, impaciente e sem ao menos tomar um banho, correu para os campos com um Chevrolet emprestado tentar emprestar algum dinheiro de seu amigo Alberto.

Alberto, que era nada apegado a coisas mundanas e que até então só atinava em cuidar de umas ovelhas e de um menino que fugiu de casa, não lhe fez muito caso. Indicou-lhe, porém, um conhecido, que coincidentemente calhou ser conhecido de ambos.

Álvaro, pensando que pudesse valer a pena, dirigiu-se, preciso, até a casa de Fernando. Mas acabou não gostando nada daquele que, a seu ver, fingia completamente não ter o dinheiro para emprestar. Acabou levando para o lado pessoal e saiu de lá enxovalhado, calado. Um caco. ¿Que amigos que tenho tido!, deplorou, amargo.

Sentindo súbita, uma angústia, vislumbrou uma última alternativa: ir até a casa de um médico que conhecera recentemente. Mas ao lá chegar, estava o tal médico praticamente de saída, partindo para outro país. Álvaro, mesmo sentindo-se mesquinho (que ridículo que tenho sido, pensava), tentou insistir, mas sem sucesso.

Um tanto quanto excêntrico, com uma coroa de rosas na cabeça, Ricardo disse que até poderia emprestar-lhe alguns óbolos, mas não o faria para que o agraciado com o favor não

sofresse depois a nostalgia de um momento tão alegre. Meio atônito e não compreendendo muito bem o que ali se passava, Álvaro decidiu se despedir. Mas qual não foi sua surpresa quando Ricardo não quis que apertassem as mãos.

¡Foi o basta! Parece que só eu é que levo porrada, vão todos para o diabo, vociferou mentalmente.

Mas quando Álvaro já entrava sem esperanças no Chevrolet sem gasolina, o dono da tabacaria, que passava por ali com um pedaço de madeira nas mãos, chamou-lhe e fez-lhe uma proposta, prontamente aceita. E Álvaro foi para casa, feliz quase, pintar a nova tabuleta em troca da dívida. E o dono da tabacaria sorriu.

No outro dia, levando em si um incomum bem-estar, Álvaro foi entregar a tabuleta pintada, na qual lia-se a seguinte inscrição:

TABACARIA DO ALVES  
FIADO SÓ DEPOIS DE AMANHÃ

Mas deu de cara com uma cruz na porta da tabacaria fechada. E o dia, que estava bastante azul, começou a chover.

## Santo Antão

Conta uma lenda apócrifa que o moço Antão, descalço, empunhando um velho cajado nodoso e vestido apenas com andrajos feitos de pele de carneiro, adentrou o deserto e se enfurnou numa caverna. Objetivo: refugiar-se contra todo pecado, contra a avareza e contra a luxúria, contra a gula e contra a vaidade, principalmente contra a vaidade.

Afastado, assim, de todas as tentações mundanas – *wi-fi*, cerveja artesanal, boletos volumosos –, poderia o talvez-futuro-santo dedicar toda sua vida à contemplação, ao jejum, às penitências e às devoções que a Deus tanto regozijam.

Não demorou muito tempo, porém, para que o Demônio se sentisse tentado em desviar o homem de sua hagiológica meta, aquele pretensioso homem que, como um lutador de UFC em coletiva de imprensa, tão categoricamente o desafiava.

O Diabo, profundo conhecedor das vaidades e veleidades (e também ele vaidoso), não poderia consentir que um homem possuidor de tantas riquezas o renegasse daquela forma vexatória e fosse tão abnegado e tão absolutamente destituído dos corriqueiros desejos venais, carnis e de dominância.

E iniciou o Capiroto suas inflamadas investidas.

Projetou nas paredes da caverna, em 3D e HD, imagens de egípcias belas e nuas, aprumou nas pedras os banquetes mais tentadores, ofereceu ao postulante a asas e auréolas e muitos títulos honoríficos e de nobreza. Fez isso diuturnamente durante 80 anos.

Mas Antão não arredou pé. Chegou mesmo aos extremos da prática do autoflagelo para que a excruciante dor no corpo defletisse sua atenção dos vinhos requintados, dos doutos títulos e, especialmente, das egípcias belas e nuas. Até que o Canhoto Desviante desistiu.

Antão, ao perceber a resignação do Cão Cornudo, tomou prostrado, exausto e vitorioso. Ergueu as mãos trêmulas aos céus e agradeceu ao Senhor:

— Obrigado, meu Deus, finalmente agora eu sou Santo.

O Tinhoso, meio acabrunhado no limiar da entrada da caverna onde já se preparava para tomar a forma de reDemoinho, ouviu o regozijo e sorriu, arditosamente. Deu dois passos para trás, uma meia-volta em rodopio na ponta de um dos pés, transfigurou-se com um rápido lance de capa e fumaça em sua forma original (a de jornalista) e, após dar duas batidinhas na ponta do microfone em que figurava a logomarca de uma grande rede de TV, fez sua primeira pergunta para o enfim sorridente e receptivo Dalton Trevisan.

## ¿Meio cheio ou meio vazio?

Gente é o tipo de criatura que mais tem talento, inato ou adquirido, para se emaranhar nos dilemas mais estapafúrdios. ¿É biscoito ou bolacha? ¿É um pássaro ou um avião? ¿O vestido é azul e preto ou branco e dourado? ¿Cospe ou engole (se a comida for ruim)?

Eu sei que parece maluquice, mas sempre haverá gente maluca o suficiente para concentrar tempo e energia e durante horas ficar queimando pestana na tentativa de solucionar alguma dessas questões.

E o que tenho para dizer sobre isso é que... bem... é que eu solucionei uma dessas questões...

Seria ocasião de talvez perguntar: ¿pra quê?, ¿por quê?, ¿a troco de quê? Mas duvido muito que surgissem respostas convincentes. Quando a um movimento dá-se o seu início, é muito difícil conseguir interrompê-lo, como bem demonstram a rotação da Terra e a ignorância no Brasil. Melhor então será dar só a resposta do dilema e não justificar nada.

Teorias científicas e conceitos psicológicos os mais complexos já foram acionados para explicar por que algumas pessoas veem o copo meio vazio, enquanto outras o percebem meio cheio. "Tudo depende da sua personalidade", defendem os palpiteiros mais moderados. "Aposte no copo meio cheio, é você quem tem o controle sobre seus comportamentos e, principalmente, sobre seus pensamentos", é o que aconselha a charlatanice depravada da autoajuda e dos *coachs*. O que eu digo é que todos falharam miseravelmente. Faltou-lhes empregar um método vexatoriamente mais simples e mundano, que lhes pouparia tempo e os livraria daquelas discussões tão intermináveis quanto a rotação da Terra e a ignorância no Brasil: contexto, minha gente, contexto. Insira o maldito experimento num recipiente contextual mais amplo e, *voilà*, a resposta será

arremessada na sua cara e ficará ali, cuspida e escarrada, para o seu grande espanto e também o da audiência.

Quando contei da descoberta a um amigo, ele já veio com pedradas me acusando de trapaça. Respondi que, pelo menos até onde eu sabia, ninguém havia estipulado regra nenhuma (nem pré, nem intra, nem pós-definida) para a solução do imbróglio e o que se seguia, portanto, é que qualquer cartada teria de forçosamente ser considerada válida. Tudo o que se pede é uma resposta ao despudorado enigma. E quantas serão as voltas ao mundo que o postulante vai precisar dar para consegui-la é problema dele, só dele, inalienável, pessoal e intransferível. Pois tomem ela aí. E tomem mesmo:

O copo está vazio. Inicia-se o processo de enchimento. Interrompe-se o processo de enchimento na metade. O copo fica meio cheio.

O copo está cheio. Inicia-se o processo de esvaziamento. Interrompe-se o processo de esvaziamento na metade. O copo fica meio vazio.

E pronto. Chega. Acabou. Não tem nada de pessimismo, otimismo, maisoumenismo. Tem é solução. E que seja satisfatória. Que já estou meio de copo cheio dessa história.

## Crônica 1991

Eu, muito pequeno, pacote de moedas nas mãos, sempre ia àquele velho bar da praça comprar docinho de leite. E o senhor que me atendia (sempre o mesmo par de chinelos, sempre a mesma calça cinza, sempre a mesma blusa verde desbotada) parecia fazer parte de uma velha fotografia, imutável na moldura exposta no aparador de alguma casa muito antiga.

Só hoje é que percebo, olhar em retrospecto, que a paisagem ali mudava um pouquinho a cada dia.

O olhar do velho cada vez mais perto, até que não precisei mais inclinar tanto o pescoço; o doce de leite gostoso, que pouco a pouco foi perdendo o gosto; e no pescoço do velho (e eu já o olhava em linha reta) foi se avolumando uma pele estranha ("papada", a mãe dizia).

Até que chegou um dia e só vi rumor de gente apinhada na calçada. E tudo o que antes mudava silenciosamente, sem que eu pudesse perceber, arrebentou de forma abrupta, como um susto depois do silêncio num filme de terror ou de suspense.

Era o Plano Collor. E o velho que baixou as portas com um tiro no ouvido.

## **Croniquinha: as sutilezas da discórdia**

Compartilhavam o mesmo conjunto de ideias, mas disputavam notoriedade e intimamente se odiavam.

- A crise é muito aguda – comentou o primeiro.
- Tem razão – concordou o segundo – a crise é muito grave.

## Gatos em cima do telhado

Cansado. Quase dormindo. Peito subindo. Peito descendo. Subindo. Descendo. Sonolento. “Esses gatos, correndo e miando feito loucos, sempre me acordam”. Peito nu. Pé no chão. Copo cheio d’água. Vazio. Outra vez cheio. Metade cheio, metade vazio. “Esses gatos vão ver só uma coisa”. Garoa. Vento gelado. Canivetininho na mangueira. Corpo molhado. Lençol sujo de terra. Hoje não posso mais sair na garoa. “O senhor quer morrer?” Escuro demais este quarto. Madeira na janela. A lua lá fora: livre. Isqueiro aceso. Escuridão quebrada. Luz de lâmpada os incomoda: não acendo. Brasa ardendo quando na boca. Fraca, quase encostando no chão. Quando pequeno, com fumaça espirrava. Agora tenho de engoli-la: escondido. “Quer botar fogo na casa?” Dor mais estranha, nem parece dor. Não dá pra saber onde dói. Bem diferente daquela dor no ombro: faz dias que não sinto. Gatos espertos. Subiam no muro, depois no abacateiro, pulavam em cima da casa. “Esses gatos vão ver só uma coisa”. Não fui tão esperto. Subi, caí, quebrei o braço. Às vezes um abacate caía em cima do telhado. Dez golpes de machado. Não quis que o derrubassem. Machado escondido. Surra: dias dormindo de bruços. Cortava a fruta ao meio, tirava o caroço, botava açúcar. Tapa na mão. “Que tanto açúcar, acha que é de graça?” Ninguém mais precisou acordar assustado. Ninguém mais precisou trocar as telhas do meu quarto. O trilho do trem ninguém quis cortar. Cinco, seis por noite. Tremia a casa. Ninguém acordava: acostumados. Coitado do abacateiro. Ninguém precisava dele. Só os gatos e eu. Noite de lua, os galhos dançavam na parede do quarto. Noite de chuva, relampejava, os galhos apareciam dançando na parede do quarto. Muito rápido. Ficava esperando outro relâmpago. Às vezes demorava. Os gatos passavam bem rápido pela parede, subiam na casa. “Miau, miau...” Pai dava-lhes banho

de mangueira. Pulavam lá de cima. Alto. Um quebrou a patin-  
ha. Nunca mais subiu. Mangueira cortada. Lençol sujo de  
terra. Três dias sem sentar. Canivete sumiu. Pai na cama.  
Tossia. Sangue no lenço. Apertou fraco minha mão. Fechou  
os olhos. Na minha mão, o canivete. Mês passado compra-  
ram abacate. O netinho gostou. "Com bastante açúcar, vô".  
Queria ver o luar. Não deixam. Pensam que fujo. A dor está  
voltando. Já esperava. Ombro dormente. Melhor do que esta  
dor que aperta a garganta. Queria que passasse. Não passa.  
Não quero acordar ninguém assustado. Não sou gato nem  
abacate. Cansado. Talvez hoje durma. Peito subindo. Peito  
descendo. Peito não subiu outra vez. No chão, um caniveti-  
nho enferrujado. O netinho, eu, chorou.

## Politicamente correto, cancelamento de gente e outros lacres

Politicamente correto. A ausência de substantivo e verbo. A desapareição dos centros gravitacionais da língua. O adjetivo e o advérbio à deriva, errando sem rumo no espaço sem luz, tintas invisíveis tentando colorir o nada. O nada, por definição inatingível, por definição o que não se pode tingir.

Sobrolho paralítico. Músculos faciais imóveis. O silêncio como programa, a autodefensiva assimilação do que pode ou não ser dito, a regulamentação dos movimentos das cordas vocais, a abolição elocutória da perversidade, como se cães adestrados tivessem modificada a sua natureza e, por não mais latirem, não mais mordessem.

¿Quem mesmo o cão?

Exercitadas (militares) orações, oficializadas (judiciais) sentenças, decoradas (decorativas) frases de efeito, todas guarnecendo com beatitude e santidade o próprio nome. Para cobrir esse nome de mantos, de halos, de coroas, de auréolas, até que toda a palavra, venérea ou veneranda, ou silente simplesmente, apenas por ter sido excretada (ou engolida) por tal voz, eleve-se instantânea ao estado de retidão e de verdade.

A peneira, o filtro, o coador, o crivo. A rede píscea, a rede neural, a rede neurótica, a rede de contatos, a rede social. Nelas, todos enredados. Implícitos protocolos. Tácitas etiquetas. Elípticos manuais de conduta. Não os seguir é arrotar à mesa do rei. E reis não toleram concorrência.

Nada minimamente inferior à santidade será tolerado. E diante das natimortas tentativas de tornar-se hagiógrafo, a resignada alternativa: autobiografia.

Historinha antiga conta: o rei havia reescrito o dicionário dos vulgares e abolido dele todas as palavras obscenas. Os

súditos requisitaram audiência e parabenizaram o monarca pela excelência do trabalho: ficamos felizes em ver que Sua Majestade obteve sucesso na seleção das palavras. E o rei, sorrindo zombeteiro, retorquiu: fico feliz que vocês souberam quais palavras procurar.

O alarme, o alarde, o alarido, todos carbonizando o que havia por ser dito, e só se sobressaindo o grito, o volume do grito, os objetos quebrados pelo volume do grito, a posterior colagem dos objetos quebrados pelo volume do grito, o silêncio pós-grito, pós-queda, pós-colagem.

Sem rumo e sem rumor, sem sintaxe e sem sentido, as palavras varridas para dentro dos copos, para dentro dos corpos, para debaixo do carpete.

De um lado, o cheio de não-me-toques; do outro, o cheio de dedos.

No palco, sob o espetáculo de luzes e fogos de artifício, o artista atuante, rabo e gato de fora, ou seja, dois rabos, diz: agora eu quero ver todo mundo repetindo comigo. Ou: atenção, agora eu quero todo mundo em silêncio. E ante os entretolhados, ante a expectativa inquieta gerada pelo silêncio, a descoberta de que o pedido não se deu pela atenção ao que se diria após o pedido, mas pela atenção ao próprio pedido. O discurso “não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo”. O discurso é o próprio fim. Poder, portanto.

O lacre do caixão, do envelope inviolável. Sem lacre, não há validação. Não receber o produto se o lacre estiver violado. Depois da lacração, da contusão pela contundência, a mútua afonia, o mutismo recíproco. E a decorrente pregação aos convertidos, os bolhas nas bolhas: ¡oh, fiéis, sejam fiéis! O triunfo da quinta série.

A pedagogia que não educa. A intimidação que encoraja. Vocabulário de policial-bandido: “cancelar um CPF”; vocabulário das redes: “cancelar tal pessoa”. Objetivo, portanto: matar.

Mas o cancelamento que coisifica e tenta matar também promove. Só se cancela o que se assinou, o que foi contratado.

A execração social que soterra e não resolve, porque soterra uma semente de rancor que silenciosamente vingará num chão desde sempre muito fértil, de onde eclodirá com a violência renovada das coisas que súbito (em aparência) eclodem.

É arma a armadura do silêncio.

A violência não mais como conveniência, manutenção de privilégios, resposta automatizada, mas a violência como vingança, como projeto, como demonstração da recusa ao calar-se. A violência como desejo. E a conclusão, agora óbvia: a estratégia foi um erro desde a origem; sua execução a piorou.

A arma vem agora com um silenciador. O projétil segue sendo de metal. Comprimir uma mola é fornecer-lhe energia.

## Arqueologia do clichê

Do cair em tentação às dietas *fitness*, dos usos que fazemos da língua à nudez envergonhada, a originalidade acabou em Adão e Eva.

O que veio depois deles não passa de repetição, ecos deslocados, desmembramento, plágio e tédio.

Veja as frases de amor, por exemplo. Analise-as tendo em mente o frescor matinal do paraíso, o viço rubro e sedutor dos pomos, as serestas de serafins. Depois, retire-as de lá, recorte-as daquele cenário idílico e inaugural, reinsira-as em outros tempos, em outros espaços, em outras bocas. E então presencie o estrago.

Visualize Adão dizendo a Eva: “Para mim, você sempre será a única...” e saboreie a verdade irretocável da sentença, a sinceridade à prova de qualquer teste, a criação refletindo especularmente a realidade. Perceba também a dimensão da degeneração causada à frase quando qualquer outro homem a repetir, sem aspas ou referência bibliográfica, sem elegância e sem vergonha.

Imagine, também, Eva murmurando nos ouvidos de Adão: “Se não for com você, não será com mais ninguém...” e repare na franqueza oracular do agrado, no fulgurante nascimento da autenticidade para todo o sempre irrepitível. Depois transfira esse sopro lançado aos lóbulos adâmicos para quaisquer outros e aspire os gases que subirão do lodo ressecado, sorva a pestilência do animal enorme e feroz agora em estado de putrefação.

Faça o mesmo com outras frases de amor: “Você é o grande amor da minha vida”; “Sinto que fomos feitos um para o outro”; “Só tinha de ser com você”; “Estranho seria se eu não me apaixonasse por você”... e perceba o tamanho da farsa em

que por pura preguiça nos metemos. E como Adão e Eva detêm todos os *copyrights*.

Não deve ser outra a razão de chamarem a cópula edênica de pecado original: depois deles, até isso transformou-se em cópia malfeita. Em pastiche.

A língua e o sexo – artífices da espécie – soterrados pelo império do lugar-comum.

## Buzina: usina semiótica

A buzina nunca será boa tradutora da linguagem verbal. Sempre haverá, por assim dizer, ruídos comunicativos entre o que o buzinaador quer dar a entender e o que o buzinado efetivamente entende.

Você dá uma buzinazinha de nada, daquelas em que a mão nem imprime muita força ao volante, aquele toquinho de leve querendo apenas dizer “hey, camarada, é proibida a conversão à esquerda aí nesse semáforo porque senão seu carro intercepta a passagem dos demais, causando fila e desgosto”. Só que tudo o que o Sr. Volante parece entender é “hey, corno dos infernos, tire esse monte de lata da minha frente ou esquarteje sua família com uma faca sem fio, perfuro seu joelho com uma broca e pingo limão”. Não sem depois abaixar o vidro do possante e emitir sinais absolutamente nada ambíguos com os dedos.

Outro dia eu estava parado atrás de uma fila quilométrica que em nada diferia da que estava atrás de mim. Ou seja, eu estava no meio. Cena trivial num planeta habitado pela espécie inteligente que construiu tantas ferramentas para chegar antes que agora só chega depois. Pois bem, diante dessa trivialidade (ou atrás dela), quem poderia imaginar que o sujeito plantado que eu observava pelo retrovisor começaria a buzinar, convulsivo, como se quisesse dizer “hey, corno dos infernos, tire esse monte de lata da minha frente ou esquarteje sua família com uma faca sem fio, perfuro seu joelho com uma broca e pingo limão”? Não acreditando no que o amalucado do espelho fazia, buzinei também, toquinho de leve, num tom perspicaz que deixava entrever um pouco de ironia e que, embora não tivesse nada a ver com os recursos vis da ameaça de esquartejamento familiar, também não era lá muito educado. Algo como “ô, cabra, tá pensando por acaso que meu carro veio equipado com hélices pra levantar voo ou com uma perfuratriz para cavar um

túnel?” Mas não resolveu, o cabra continuou a buzinar e a emitir sinais nada ambíguos com as mãos e nisso passou a ser ecoado por toda a cáfila parada e quilométrica da retaguarda. Algo não me soava bem e só aí percebi que dedos e buzinas estavam na verdade me alertando sobre a clareira enorme há tempos aberta entre mim e os carros lá da frente, finalmente postos em marcha por algum apelo atávico de sua prototípica natureza.

Um poema singelo e verdadeiro da Helena Kolody diz que nas nuvens e nos poemas cada um lê o que quer. Acrescento, toquinho de leve, que na buzinação também.

## Literatura: coisa de criança

O que sentimos e pensamos é muitas vezes bruto, ou cru, ou amorfo, ou vertiginosamente simultâneo, ou bruto e cru e amorfo e vertiginosamente simultâneo, tudo no mesmo tempo e lugar. Mas temos um truque: através da lapidação e da depuração proporcionadas pela organização linear da linguagem verbal, esses pensamentos e sensações encontram os meios de virem parar aqui fora, onde podem ser espiados.

Percebo, entretanto (e acredito não ser percepção exclusivamente minha), que nossa escrita e nossa fala nunca terão as mesmas dimensões, contornos e nuances daquilo que habita nossa alma, razão e sentidos. É comum ouvirmos um “não era exatamente isso que eu queria dizer” ou “não tenho palavras para expressar o que sinto”. E isso porque não há plena coincidência entre o que externamos para a investigação, fora de nosso corpo, e o que nele é interno. Não existem traduções perfeitas, apenas aproximações. Às melhores, costumamos dar o nome de literatura.

Tentar descrever os efeitos de um pôr do sol em nossas retinas, em nossa pele, em nosso peito, e não alcançar. Mas, dessa congênita incapacidade de recriá-los em seus inefáveis matizes, tons, brilhos e saturações, gerar alguma outra coisa, alguma outra forma que, por ser-lhe tão oposta e ao mesmo tempo falar de si, mesmo o sol admiraria.

Cada linha da melhor literatura, desse ponto de vista, é como que uma expressão de fracasso, de impotência, de in-traduzibilidade. Mas não importa, nesse quesito continuamos seguindo o conselho de Beckett e tentamos de novo, fracassamos de novo, fracassamos melhor. O azul, ainda quando escrito pelos grandes mestres, não poderá nunca ser mais celeste que os céus de uma manhã gelada de inverno. Sobreviverá a eles, no entanto, à noite.

Assentada nas bases daquilo que estava lá, a literatura cria algo que nunca antes lá esteve. E talvez não seja outro o motivo de celebrarmos os autores que deram esse passo além na terrível tarefa de elucidar-nos: dizer algo tão imprevisto, tão insólito, tão inaugural, que é como se o próprio Universo tivesse lhes fornecido uma procuração para falar em seu nome.

¿Mas será que tal honraria ficou a cargo apenas desses autores consagrados, desses versados anciãos cofiando a barba hirsuta em pose de sábio chinês? ¿Serão somente eles e elas os nobres e genuínos depositários dos segredos do fazer literário? ¿A criação artística pela palavra é matéria exclusiva dos eleitos, dos gênios, dos canônicos, dos que bancam a própria publicação? ¿É assunto restrito a gente grande, a gente adulta? Tenho uma hipótese, amparada por anos de empiria e extensa coleta de dados, seja dentro ou fora de sala de aula. É disso que tratará esta crônica.

Meu sobrinho, de cinco anos, tarde dessas chegou da escolinha contando que em sua turma entrou um menino com o mesmo nome dele. “Tem um outro eu na escola”, foi a forma filosoficamente literária que ele encontrou de relatar sua experiência inédita com um xará. Aos cinco anos, meu sobrinho expressou poeticamente uma concepção de língua que pode ser encontrada no Crátilo, diálogo platônico no qual Sócrates discute se os nomes são arbitrários ou se guardam alguma relação mais profunda com aquilo a que se referem.

Quando eu era criança, imaginei que dias nublados existiam porque o sol tinha ficado doente. E que aquele manto espesso e cinza recobrando o céu era apenas o lenço no qual a estrela assoava seu solar nariz. Chamar A de B, nuvem de lenço, é a base das analogias e das construções metafóricas. Utilizando-as intuitivamente, pude chegar à óbvia conclusão de que chuva é coriza estelar e trovões são espirros.

Já adulto formado, numa aula que dei sobre neologismos, um aluno de 12 anos definiu a internet como “tretódromo”. Outro escreveu “desengravidar” para se referir a aborto,

“desesperrar” para quando o espirro falha, e que a ciência que estuda o significado de ser mãe é a “sermãetica”.

No parágrafo final de um texto sobre memórias, Isadora, uma garota de 14 anos, ao lê-lo em voz alta, deixou pasmos professor e turma:

*Quando eu era menor, sonhava em ser gente grande, mas não é tão bom assim. Tudo era mais simples quando novos sonhos nasciam a cada filme da Disney.*

Num poema sobre futebol, Bruno Nogueira, 12 anos, marcou esse golaço de letras:

*Quando gritamos gol  
Ninguém tem cor  
Ninguém é uma conta bancária Ninguém é gay  
Ninguém é diferente*

*No grito de gol Você só sabe gritar  
Abraçar quem tá do lado  
Sem ver quem ou como o outro é*

*No grito de gol  
Ninguém despreza o outro*

*No grito de gol  
Temos amor, emoção  
E o que seria a sociedade perfeita  
Sem julgar pelo outro ser diferente*

*Grite gol durante a vida.*

Em outra ocasião, numa aula sobre microcontos, foi a vez de uma aluna de 12 deixar perplexo o autor-professor sabi-chão aqui. Escreveu ela:

*Nunca acreditei em espíritos, mas agora sei que existimos.*

Na mesma turma, após ler e comentar sobre cronistas que se alimentam de acontecimentos cotidianos e pessoais para escrever, pedi que eles produzissem uma crônica nesses moldes. Nicolas de Quadros, também aos 12, escreveu uma intitulada "Ler é o melhor remédio". Transcrevo, abaixo, a crônica dentro da crônica:

*A maioria das crianças aprende a ler na escola. Comigo foi um pouco diferente.*

*Nunca pensei que seria grato a uma doença, principalmente se esta poderia ter facilmente me matado, mas esse é o caso.*

*Sempre fui e ainda sou um menino doente, e foi em 2010 que tive minha terceira pneumonia. Estava internado no Hospital Santa Cruz. Não tinha muita coisa para fazer, então minha mãe decidiu que era hora de eu aprender a ler. E eu realmente queria isso.*

*Primeiro aprendi o som das letras, depois, os sons delas combinadas e em poucos dias já sabia ler e escrever várias palavras e frases. Isso fez o tempo passar mais rápido e me ajudou a esquecer aquela situação.*

*Quando voltei para casa, comecei a ler meus primeiros de muitos e muitos livros.*

Em abril de 2013, um dos maiores sucessos da Feira Literária de Bogotá foi um livro chamado Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças. Durante dez anos, o professor

Javier Naranjo, que também se encanta com as pepitas poéticas saídas da boca e pena das crianças, compilou as inusitadas definições que seus alunos davam a algumas palavras. Eis algumas das pequenas joias:

*Adulto: pessoa que, em toda coisa que fala, fala primeiro dela mesma. (Andrés, 8 anos)*

*Mãe: mãe entende e depois vai dormir. (Juan, 6)*

*Paz: quando a pessoa se perdoa. (Juan Camilo, 8)*

*Igreja: Onde a pessoa vai perdoar Deus. (Natalia Bueno, 7)*

*Guerra: gente que se mata por um pedaço de terra ou de paz. (Juan Carlos, 11)*

Ano passado, tive a ideia de realizar o mesmo experimento com meus alunos, todos entre 12 e 16 anos. Os resultados são uma promessa de que o fogo de Prometeu nunca se extinguirá:

*Alma: software dos humanos. (Nicolas de Quadros)*

*Aluno: aquele que oculta suas vontades para realizar a dos outros. (Matheus Silva)*

*Aluno: Pode dupla de três? (Abílio Batista)*

*Aluno: eu não fiz. (Gabriel Santana)*

*Amor: o que faz as pessoas se tornarem idiotas. (Ketlyn Lima)*

*Avó: mãe que compra na volta. (Mateus Vieira)*

*Céu: lâmpada natural que acende e apaga. (Guilherme Chibior)*

*Céu: para onde dizem que temos de ir a qualquer custo. (Ketlyn Lima)*

*Comida: meu primeiro amor. (Gustavo Coelho)*

- Comida: um amor que não ilude. (Gabrielly de Lima)*
- Comida: assassina que ficou presa na minha barriga. (Gustavo Godk)*
- Corpo: meio de transporte que leva ele mesmo. (Karine R. da Silva)*
- Corpo: misterioso limite. (Padmini Rocha)*
- Deus: nunca vi, mas dizem que tem muitos. (Jader de Paula Junior)*
- Deus: nos dá livre arbítrio para seguir os planos dele. (Ketlyn Lima)*
- Dinheiro: fruto de um suor que não foi pago. (Bruno Sequinel)*
- Espelho: o que a avó manda cobrir quando chove. (Gustavo Coelho)*
- Espelho: portal da depressão. (Luana Merchiori)*
- Espelho: oculta 4 sentidos. (Mateus Silva)*
- Exército: carpir um lote. (Bernardo Druziki)*
- Guerra: quando as estrelas são apagadas. (Felipe Ferreira)*
- Laranja: uma cor comestível. (Leonardo Perussolo)*
- Literatura: arte de ouvir com os olhos. (Nicolas de Quadros)*
- Mãe: quem te avisa para não ir pela floresta. (Kewin Citero)*
- Mãe: em casa a gente conversa. (Luana Bertão)*
- Mar: salgado, porém doce. (Pedro Haro)*
- Mar: deserto molhado. (Felipe Ferreira)*
- Morte: data de validade das pessoas. (Bruno Sequinel)*
- Morte: lutamos a vida inteira para conquistar. (Nicolas Marchiori)*
- Ódio: faz as pessoas se sentirem bem. (Luana Merchiori)*
- Pai: peça pra tua mãe. (Marco Aurélio)*
- Pai: o que fica bravo com a TV. (Rafael Monteiro)*

*Pai: o que não tive. (Carlos da Luz)*

*Pedra: às vezes está ali para ajudar, ou para atrapalhar, ou só está ali mesmo. (João Durau)*

*Pedra: matou a tesoura e foi presa pelo papel. (Gustavo Godk)*

*Preto: excluída da festa das cores. (Gabriel de Andrade)*

*Preto: de tão lindo, seduz o sol. (Camilly Kerling)*

*Professor: portal das profissões. (Luana Merchiori)*

*Professor: Google da vida. (Maria Eduarda da Silva)*

*Risada: ver o amigo tropeçar. (Giovana Furtado)*

*Risada: máscara para a tristeza. (Maria da Silva)*

*Risada: o que irrita professores. (Leonardo Perussolo)*

*Roxo: quando aperta, dói. (Matheus dos Santos)*

*Sol: um pop star, verdadeiro astro. (Guilherme Godk)*

*Tempo: é um leva e traz. (Maria Eduarda)*

*Terra: uma bola perdida no espaço. (João Durau)*

*Terra: é de todos, mas de alguns. (Nicolas de Quadros)*

*Tristeza: agora e sempre, em algum lugar. (Miguel Zanlorenzi)*

*Tristeza: aumenta no meio da noite. (Ketlyn Lima)*

*Verde: o que fica cinza. (Gabriel de Andrade)*

*Vida: um jogo sem restart. (Gabriel Schuebel)*

Não quero deixar com estes testemunhos a impressão ingênua de que crianças dispõem de algum crachá que lhes confere acesso especial à realidade das coisas, algum canal de comunicação transcendente com o mundo, mas sim que elas enxergam o mundo de forma diferente, situadas diante do filtro de menos lentes, essas inumeráveis lentes instaladas pouco a pouco pela educação e pela cultura ante nossos olhos (antolhos) e que podem acabar tornando tudo cinza, monocromáti-

co, sem cores comestíveis ou cores que seduzem o sol; lentes que, perfiladas em quantidade suficiente, acabam por assumir feições de escudo, e atrás do escudo tudo o que se vê é a face interna do escudo. Daí o frescor orvalhado de seus pensamentos, imagens e palavras. Daí o sabor poético. Daí o respiro: ouvir algo tão imprevisto, tão insólito, tão inaugural, que é como se o próprio Universo tivesse lhes fornecido uma procuração para falar em seu nome.

Otto Lara Resende, na crônica *Vista Cansada*, escreveu: “Nossos olhos se gastam no dia a dia, opacos. É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença”. Indiferença é quando nada se difere, quando nos acostumamos a abraçar as definições delimitadas, impessoais e aborrecidas dos dicionários, abandonando, pouco a pouco, nossas percepções mais primitivas, mais subjetivas, mais vivas, em uma palavra, literárias. E aí não tem jeito, mar será sempre “substantivo masculino; grande massa e extensão de água salgada que cobre três quartos da superfície da Terra”.

Talvez fazer literatura também seja isso: o resgate das primeiras imagens e impressões colhidas virginalmente por nosso outro eu, criança.

A literatura é a infância da espécie. E como a infância é mais feliz.

## Lógica

Uma hipótese pode prescindir da lógica, mas não pode se livrar de seus desdobramentos lógicos.

Exemplifico. Aliás, será esta uma crônica exemplar.

Os que acreditam na hipótese da reencarnação, por exemplo, precisam forçosamente admitir as flagrantes e assustadoramente verificáveis consequências da existência de tal fenômeno. Devem estar preparados (à parte as restrições impostas pela probabilidade) para que sua alma reencarnada tenha filhos com os próprios descendentes, numa mistura de genes parentais tida como pouco salutar pela Biologia.

Suponha que o sujeito nasceu pela primeira vez em 1804. Em 1828, ele se reproduz. Sua prole vinga e segue se perpetuando, geração após geração. Em 1863, o sujeito morre – acontecimento fundamental para que a hipótese da alma renascida possa ao menos ser posta na mesa. Em 1864, ele reencarna, novamente humano. E, em 1889, engravida a bisneta de seu eu ancestral, tornando-se tataravô do próprio filho. Sinceramente, eu iria preferir reencarnar num hibisco. Ou num dromedário. Assim não protagonizaria esse tipo de tragédia antropológica.

Fico imaginando, com a pulga atrás da orelha, quantas vezes na história não terá a metempsicose promovido o incesto involuntário...

\*\*\*

Outro exemplo que me ocorre é a astrologia.

A hipótese é a de que o movimento relativo e aleatório dos astros influencia a vida na Terra. Veja bem: a vida na Terra. Não a vida humana na Terra. A vida apenas, sem adjetivos e sem mistificação (ops... com mistificação). Toda e qualquer vida. (Veja o exemplo dos dinossauros, cuja extinção comprovadamente se deve ao movimento de um astro.) Isso implicaria

que os bilhões de bactérias, vermes e fungos coabitantes do nosso corpo viveriam sob os arbítrios movediços e regências flutuantes de seu signo zodiacal. Não é à toa volta e meia sentimos uns rebuliços na região do baixo-ventre. Talvez agora mesmo em nosso fígado uma coalizão de vírus sagitarianos e capricornianos lute visceralmente contra as hordas de bactérias canceríge... ops... cancerianas que não param de se multiplicar e invadir territórios demarcados.

A consequência imediata dessa ideia é a de que fomos categoricamente rebaixados à segunda divisão na hierarquia da influência astral. Os astros comandam os humores da fauna que nos habita e essa fauna comanda os nossos. Pode não ser lá muito nobre, mas ao menos fleumáticos, biliosos e sanguíneos ganham aí uma nova e lúcida explicação, não ocorrida a Hipócrates.

E não para por aí. É abundante a vida neste planeta. Pense em todas as combinações possíveis. Os leões, por exemplo. Haveria os leões sagitarianos, os geminianos, os taurinos. Os leões leoninos tenderiam a se tornar bichos muito bem resolvidos, daqueles que rugem, caçam, dormem e acasalam muito leoninamente, ao contrário dos leões nascidos sob o signo de áries (carneiro), que tenderiam a:

- i. ir para a área de humanas;
- ii. fazer manifestos em defesa da livre expressão da orientação zodiacal;
- iii. se tornar vegetarianos.

Haveria ainda os peixes de aquário, cuja orientação zodiacal (agora parcialmente aceita devido à luta dos leões arianos dos cursos de Letras contra os conservadores) os impeliria a ficar muito irritados com trocadilhos baratos, zoológicamente.

\*\*\*

Meu terceiro exemplo é um dito popular. Aliás, dois.

O primeiro não traz exatamente uma hipótese, mas uma afirmação cujo corolário pode, para nossa surpresa e vergonha, ser exposto. “Feio é roubar e não conseguir carregar” ¿O que raios terá passado pela mente do sujeito que cunhou tal pensamento? ¿E que tipo de povo o valida e repete-o como se ali estivessem impressos os seus modos de pensar, os seus meios de se posicionar diante de uma grande questão da vida?

Suponha – apenas suponha – que um ladrão obtivesse êxito em seu intento surrupiante. ¿Será que sairíamos por aí exclamando “Lindo é roubar e conseguir carregar”? Obviamente não. Pareceria que a ideia de se dar bem às custas do outro é por nós muito bem aceita e que o inadmissível é fazer isso de forma incompetente e ser pego.

O segundo dito é uma maluquice esquisitoide que adolescentes temperamentais costumam jogar na cara dos pais quando suas vontades umbigocentradas não são prontamente satisfeitas: “Eu não pedi pra nascer”.

Furacões me arrasem... ¿Como é que uma criatura dessas, no momento em que acha por bem requisitar algum tratamento ou direito especial, consegue utilizar um argumento que a coloca em pé de igualdade com todos os outros 107 bilhões de *Homo sapiens* que também nasceram sem pedir? Errado, filhinho, muito errado.

\*\*\*

O quarto exemplo são as doutrinas que nos condenam ou nos presenteiam com a eternidade, no inferno ou no céu, respectivamente. Porque, veja bem, se houvesse uma eternidade no céu ou uma eternidade no inferno, então decididamente já deveríamos de estar lá. ¿Não?

Suponho que a eternidade, para ser bem eternona de verdade, deveria também contemplar este instante no qual você está lendo esta palavra. E, pelo que me consta, ainda que com grandes dúvidas a respeito da alternativa oposta, isto aqui não é exatamente um lugar propício a ser chamado de paraíso.

¿Subtrair da eternidade este nosso tempo de vida a transforma em uma não-eternidade?

¿A eternidade só começa no instante em que morremos?

¿Então a eternidade de quem morreu há 2.785 anos é maior que a minha eternidade e tal indivíduo arderá nas chamas mais tempo do que eu, tão ou mais pecador do que ele?

¿A minha eternidade será maior do que a eternidade de quem morrer em 3461?

\*\*\*

Quinto exemplo: sei que imperativos são abomináveis, mas, estejam avisados, às vezes eu também sou. Portanto, lá vai. Jamais diga a alguém "seja você mesmo", sugerindo, com isso, que o outro seja espontâneo, autêntico, verdadeiro, que não seja falso, que não represente um papel. Se o outro for falso e representar um papel, ser falso e representar papéis serão parte daquilo que ele é. Com disfarce ou sem disfarce, você é indisfarçável.

\*\*\*

Sexto: homens são uma coisa medonha, vil. E tonta. Reverenciam e convertem no centro organizador de sua vida social e particular uma porção superestimada de músculo que em 0,000001% do tempo atua como órgão propiciador de prazer erótico, sobretudo ao proprietário; em 0,999999% do tempo é a peça instalada na extremidade final de um fétido sistema de esgoto; e em 99% do tempo é um apêndice inútil, mal projetado e terrivelmente inapropriado para uso de calça jeans.

\*\*\*

Sinto que, depois do bom humor inicial, estou ficando um pouco fleumático demais e a lógica está indo pro espaço. Por isso, antes que emoções e signo me tirem do controle (ser escorpiano não é mesmo fácil) e tudo descambe em insultos e não literatura, encerro exemplarmente aqui esta crônica exemplar. Não suportaríamos o sétimo e cabalístico exemplo: sádi-

cos fabricantes de camiseta pensando que nos são aprazíveis aquelas medonhas etiquetas internas que pinicam as costas.

## Corônicas de quarentena: ¿Até tu, barão?

Seguindo à risca as recomendações do Ministério da Sanidade Mental, Ana e eu decidimos assistir a algum filme repetido, bobinho, frívolo, que não requisitasse muita reflexão, que nos dispensasse de gastar muita energia, já tão em baixa, nem tivesse enredo complexo, cheio das reviravoltas e que tais. Um filme, enfim, que nos fizesse esquecer por duas horas do mundo ruindo lá fora, das notícias onipresentes e monotemáticas, das pessoas morrendo, do dinheiro suplantando vidas humanas e dos negacionistas que nunca cogitariam negar suas certezas infundadas.

Depois de breve (coisa rara) zapeada pelos cartazes da Netflix, decidimos ver Tubarão, do Spielberg, convictos de que a película, além de se enquadrar em nossos critérios de puro entretenimento, também nos faria esquecer por um momento do maldito corona.

Vê aí se conseguimos:

O filme começa com uma jovem que, depois de uma noite de luau na areia da praia, resolve se banhar no mar. É ela a primeira vítima da fera assassina. O rapaz que estava com ela chama as autoridades. Um legista conclui que a morte da garota foi causada por um ataque de tubarão e recomenda ao chefe de polícia a interdição das praias. A versão oficial do prefeito é a de que a causa do dilaceramento das vísceras da jovem não foi o tubarão, mas a hélice de um barco.

A temporada estava se aproximando e a cidade certamente teria prejuízo econômico caso o ataque fosse revelado, pois os turistas cancelariam suas reservas nos hotéis. O legista, sob influência política do prefeito, esconde a verdade e assume a versão da hélice. Um biólogo tenta avisar a todos que é perigoso entrar na água e que se nada for feito mais pessoas

morrerão. Não é ouvido e, no mesmo dia, o tubarão faz sua segunda vítima.

Pescadores locais capturam um tubarão-tigre. Acreditando ser este o tubarão assassino, o prefeito proclama as praias seguras. Os cientistas fazem uma averiguação e concluem não ser possível o tubarão-tigre ser o comedor de gente, pois não havia tecido humano em seu interior e o tamanho de sua mandíbula não correspondia ao tamanho da mordida na menina morta. Sem dar mínima moral às evidências apontadas por essa investigação, o prefeito decide manter as praias abertas, permitindo apenas pequenas precauções pouco efetivas. No dia seguinte, feriado, as praias estão completamente abarrotadas. O tubarão ataca novamente e, claro, mata...

E foi assim que fracassamos miseravelmente. Ávidos por duas horas de respiro das notícias sobre o novo coronavírus, acabamos assistindo a um filme inteirinho sobre o novo coronavírus.

Quando o filme terminou, já os créditos escalando a tela (obviamente fugindo do terror), a Netflix mostrou-nos uma série de indicações de outros títulos. Um deles: Tubarão 2. Prova definitiva de que as pessoas nunca aprendem.

## **Croniquinha: o espírito do tempo**

Decidiu praticar suicídio virtual e deletou todas as contas. Um mês depois, regressou com um perfil feio (o espírito do morto), a ver como andavam as coisas por ali, sem sua presença.

Foi realmente grande descoberta ver serem publicados os mesmos comentários e as mesmas dezenas de *posts* que antes imaginava serem indiretas para ele.

## **Croniquinha: trn rtrn**

Historiadores nos ensinam que o alfabeto fenício (dormente beto fenício), desenvolvido pela Civilização Fenícia há cerca de 3.200 anos, tinha como uma de suas características não dispor de caracteres para representar as vogais, que precisavam, então, ser deduzidas pelo contexto.

Bjs p vcs.

## A Teoria da Terra Redonda

Ainda crente na ultrapassada noção de que a terra é redonda como uma cebola, um amigo engraçadinho a quem primeiramente mostrei esta crônica caçoou de mim, dizendo que ela saiu redondinha, e que pior mesmo é o caso do Cebolinha, árduo defensor da tela plana. Deixo aqui expressa (e impressa) tal observação espirituosa para que vocês, no fim, depois de percorrerem letra a letra a linearidade intrínseca à escrita através da planura intrínseca do papel, decidam por si.

Minha teoria (do grego *theós* = deus + *ria*, do verbo português “rir”) é que a infundada e esquisita Teoria da Terra Redonda existia apenas para trazer problemas, insolúveis e dispensáveis, às nossas grandes religiões monoteístas, além de ter sido a origem de um problema de ordem mais geral, concernente a toda a humanidade.

Comecemos, pois, com os reverses em que as religiões se debatiam antes de a boa nova ter sido revelada e espalhada – agora sim – pelos quatro cantos do mundo.

Tome o Islamismo, por exemplo. Entre seus pilares fundamentais, um deles é a exigência de que cada muçulmano ore, cinco vezes por dia, com o corpo voltado para a cidade de Meca. Ora, para ser bem-sucedida a realização de tal empresa, é necessário que cada maometano domine a *Quibla*, isto é, tenha certas coordenadas geográficas sempre à disposição conforme as cinco orações (as *Salás*) sejam feitas em Amsterdam ou em Pindamonhangaba, sendo os fiéis mais favorecidos aqueles que já se encontram em Meca.

Considerem, portanto, como tudo era mais complicado quando a hipótese de que a Terra fosse redonda ainda estava em voga (modinha) e vejam o tamanho das inconveniências que daí decorriam quando chegava a hora de encaminhar, por

via oral, os versículos do Corão até a cidade sagrada, sabendo-se, como todos sabem, que os sons viajam em linha reta.

Ora as palavras do profeta iam aterrissar (¿saturnissar?) em alguma curva dos anéis de Saturno, ora iam se perder em alguma estrela da constelação de Aquário, e, se bobeasse, era bem capaz que algumas fossem tragadas e destruídas por algum buraco negro desavisado.

Tudo agora, porém, é diferente, e sabemos que aquelas eram preocupações desnecessárias. Iluminados que fomos pelo conhecimento de que a Terra é retinha como o cajado de Mohammed e, ¡Allahu Akbar!, está desfeita a impertinência que nos fazia girar em círculos sem que nossas encomendas encontrassem divina recepção em endereço adequado.

Mas não eram só os devotos de Alá que se viam embrulhados com o empecilho de ter que usar gerigonças do tipo GPS (do inglês *God Please Save me*) para cumprir suas obrigações religiosas. Cristãos também tinham assegurada sua parcela de contratempo, nos tempos da Terra redonda. Fazer as orações encontrarem os ouvidos de Javé, que mora no céu, não era tarefa fácil, pois o céu de um cristão habitante do extremo sul do Chile não era o mesmo céu de um cristão esquimó habitante da Groenlândia. Com a alegada esfericidade do planeta, se Deus estava acima da cabeça do esquimó, obviamente estava abaixo dos pés do chileno, donde se conclui o motivo de o horário preferido das orações ter sido o noturno (cada um rezava quando Deus estava em cima). Mas, meus caros, as coisas mudam, o mundo dá voltas, e agora, planejado como está o nosso pálido ponto azul, graças aos persistentes serviços de terraplanagem, todos podem se dar por satisfeitos, pois vivemos todos sob o mesmo céu, morada e repouso do Criador. Com as palavras fluindo sempre na direção correta, Deus pode finalmente atender aos desejos de todos. De todos os cristãos, claro fique, pois estes, como Cristo, são humilíssimos e desprendidos das vãs cobiças e não haveria onipotência capaz de dar conta dos desejos da totalidade dos humanos, esses insaciáveis.

Delimitados e solucionados os problemas de ordem teológica e eclesiástica, sendo a Terra, como demonstrado, um grande Plano de Deus, passemos agora, e de forma resumida, à solução daquele problema de ordem mais geral, que nos rodeava a todos.

Eu, de minha parte, mesmo por ora não tendo religião alguma, ainda assim acolho com hosanas e salamaleques a auspiciosa verdade da Teoria da Terra Plana. Assevero que você, simplório leitor redondista, mais aquele meu amigo engraçadinho lá de cima, deveriam fazer o mesmo, pois ¿se o planeta realmente desse todas essas supostas voltas sem sentido, se realmente ele ficasse o tempo todo girando irracionalmente em torno de si, em torno do Sol, e, além disso, ainda se inclinasse 23 graus em torno do próprio eixo, como poderíamos deixar de ser tontos?

## O nome da rosa

Concentrem-se na imagem daquele detestável primeiro dia de aulas e em uma alcateia de adolescentes perseguindo, estonteados, afirmação e identidade, prontos para darwinianamente esmagar sem piedade a cabeça dos mais fracos.

Agora observem todos aqueles aterrorizantes protocolos de iniciação desse primeiro dia e um aluno tímido e franzino que levanta e diz, mal dissimulando a insegurança: “Meu nome é Arzírio”.

¡Pronto! ¡Está feito o massacre!

Trinta e cinco bocas de Josés-Pedros-Marias contendo o riso a custo. Trinta e cinco pares de olhos, revestidos pela diabólica essência insolente da adolescência, gargalhando a custo nenhum, disparando, dessas espingardas de dois canos, setenta projéteis de sarcasmos, sarcomas e superioridade por segundo, e se perguntando: “¿Mas que caralho de nome é esse?”

O nome circunscreve o novo homem. Adeus futuro orador da turma. Adeus futuro homem falador e articulado. Adeus futuro conquistador das meninhas engraçadinhas e falantes. Adeus espontaneidade. Que o mundo dos introspectivos, dos silenciosos, dos casmurros e dos que para se comunicar ou precisam escrever ou precisam pensar trinta e cinco vezes antes de pronunciar duas palavras lhe receba muito bem. De braços abertos. De boca fechada. Que você ache sua voz feia. Que você tenha medo de gaguejar. Que você tenha certeza de não poder nunca encontrar a palavra certa. Que de quando em quando alguém se despeça dizendo “Nossa, como foi bom falar com você”, sem nem desconfiar que tudo o que aquele monólogo disfarçado de conversa precisava era de um espectador. Que em sua mente e em seu coração fique instalado, para

todo o sempre, o anátema: “Você tem o direito de permanecer calado e seu silêncio pode e será usado contra você”.

“O problema de todo mundo querer ser um pouco original é que se corre o risco de todo mundo ser um pouco original do mesmo jeito e ao mesmo tempo”. A citação é do psicólogo e linguista canadense Steven Pinker, que no livro *Do que é feito o pensamento: a língua como uma janela para a natureza humana*, explica por que alguns nomes, em determinadas épocas, são os preferidos nos cartórios e pias batismais, como bem ilustram os abundantes Enzos e Valentinas desta nossa década. Quantas e quantas vezes, munido de argumento semelhante, eu quis perguntar a minha mãe ou a meu pai: “¿Por quê, por que vocês não quiseram ser um pouquinho originais junto com os pais da década de 80 e me nomearam Fábio, Rogério, Paulo, Luciano...?” Mas eu nunca perguntei. Sempre guardei comigo o questionamento, enquanto seguia ruminando mundo, mundo, vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo, seria uma solução sim, porque nenhum Raimundo poderá um dia saber o que é se chamar Arzírio e ter de falar com atendentes de telefonia.

Imagino que alguém aí do outro lado, a despeito de não mais pertencer à raça insolente da adolescência, também esteja se perguntando: “¿Mas que caralho de nome é esse?”

E reside na resposta que hoje tenho a dar o antídoto para os traumas que por tanto tempo me perturbaram. A resposta esteve sempre ali, na verdade.

Meu avô materno se chama Arzírio. Minha avó materna, tão cedo finda, se chamava Alzira. ¿Em que outro mundo possível um Arzírio e uma Alzira se conheceriam, namorariam, se casariam e teriam, décadas depois, um neto chamado Arzírio? ¿Quantos lances de três dados são necessários para que em cada uma das faces saia o número sete? ¿Quantas e quantas voltas a Roda da Vida ou da Fortuna ou do Acaso ou do Destino (ou o nome que preferirem) precisou dar para que este mundo vasto mundo se alinhasse com os planetas e estrelas e chacras

e galáxias e assim surgisse tão excêntrica e imprevista ordem onomástica no Cosmos?

Por isso, hoje tenho orgulho do meu nome. Fico imaginando, sem conhecer a história, pois eles eram muito reservados, meu avô, muito jovem, aproximando-se de minha avó e dizendo, mal dissimulando a insegurança: "Meu nome é Arzírio". E ela, não disfarçando o choque: "¿Sério? Meu nome é Alzira...". E que por causa disso, apenas por causa disso, os dois instantaneamente perceberam, nesse traço tão incomum, o primeiro traço em comum que os futuros casais de todas as épocas descobriram em si e que neles despertou a tácita e mútua decisão para o primeiro roçar de dedos, o primeiro enlace de mãos, o primeiro passo lado a lado.

Sem meu nome, eu não existiria. E, definitivamente, uma rosa, sob os auspícios de outro nome, não teria o mesmo perfume.

## Mire veja

Do fundo da quadra, a menina apanhadora de bolas gentilmente lança três delas ao tenista, que escolherá duas.

Pós breve mirada comparativa (que por certo leva em consideração a perfeita esfericidade do objeto, o jeitinho como ele, redondo, se encaixa no fecho das mãos, entre outros detalhes igualmente importantes, como a possível simpatia por ele ali nascida), a primeira bola, selecionada segundo esses pessoais e, pelo visto, rigorosos métodos de análise qualitativa, entrará em jogo.

(Entrará é modo de dizer. Desconfio que por livre e espontânea vontade ninguém entraria num lugar sabendo de antemão as lambadas que duplamente levaria, às vezes quadruplicamente caso a partida seja de duplas. Mais vale dizer, por melhor acerto, que a primeira bolinha será entrada em jogo.)

A segunda delas, a preterida, será posta no bolso do calção, onde ficará, reserva angustiada, em compasso de espera, rezando para o primeiro saque não falhar e assim não ser ela a receber as rijas pancadas a torto e a direito, ou, de acordo com o léxico do esporte, avesso a popularismos, a *backhand* e a *forehand*. Não são de mais ninguém senão da bolinha os gritos altíssimos que ouvimos toda vez que os atletas, como se de combinado acordo quisessem destroçá-las, baixam as raquetadas em seus corpinhos rechonchudos. Pintam-nas, inclusive, de um verde-cheguei-entusiasmado, poderem assim ser avistadas já no longe.

Tudo certo até aqui: trata-se de descrição mais ou menos rigorosa de um procedimento repetido às centenas numa partida de tênis. Mas isto é uma crônica. E crônica não seria se tudo corresse assim, certinho, saque daqui, rebatida de lá, urros de dor da bolinha lá e cá. Porque (estão lembrados que

a apanhadora lança três?) é da terceira bola que surge o horror fundamental que me endoidece e desapruma.

Ao receber do apanhador as três bolinhas, uma, como já dito, desce pro *play*, sendo a segunda a embolsada. E a terceira é lançada para trás, supostamente na direção do apanhador, sem que o tenista acompanhe com os olhos seu incerto percurso...

¡Misericórdia carambolas mil raquetes me sangrem as costas! ¿Como é que um ser desses dito ciente ousa me fazer uma provocação dessas? ¿Terá enfiado no bolso o instintivo espírito de vigilância que em esportistas de alto quilate deveria ser mais reluzente que em qualquer? E logo ele, um tal que mais do que ninguém deveria saber (como bem sabem os jogadores de sinuca e os de boliche e junto deles os arremessadores de papel ao cesto) serem exclusivamente os olhos o manejo do rumo, o manche do voo, o *joystick* do videogame, e não a velocidade do vento ou os newtons aplicados no cego arremesso ou a confiança despejada em sua perícia de profissional atirador de coisas.

Esse vivente, tenho pra mim, deveria ser capaz de interceptar sua total contradição e rebatê-la, pois nunca noutra ocasião desvia o arregalo dos olhos da sofrida bolinha verde, parecendo no mais das vezes um sádico sanguinolento que bastante se entretém botando a mirada larga nos padecimentos alheios de que é causa, nisso também sendo secundado pelos torcedores, que da arquibancada saem todos reclamando de torcicolo por terem ficado quatro horas torcendo (¡que bela sacada!) o pescoço sem desgrudar os olhos do espancado verde-esvoaçante.

A grande sorte da terceira bolinha é que eu, quando assisto a alguma partida, nunca que desvio meus dirigentes olhos dela. Me compadeço do pobre apanhador que teria de vagar pela quadra catando bolinhas desgovernadas. Pelo reverso magnetismo do olhar, vou corrigindo as displicências e empurrando as enjeitadas diretamente para sua mão.

Não sei o que é feito das terceiras bolinhas quando não estou por perto para olhar por elas.

## A Teoria do Caos

Não sei se foi assim, mas bem pode ser que seja (e alguém o negar é boa escusa para que eu negue a negação) que cada segundo de minha vida pretérita, cada alegria e cada queda, cada tormento, tenham sido apenas as pequenas peças do arranjo inescrutável conformado unicamente para que eu encontrasse esta caneta perdida no gramado de uma praça ensolarada de Montevideo. E que todo o propósito desta existência até agora (com todos os pequenos gestos que em rasgos de inevitabilidade confluíram na inauguração deste instante, como todos os pequenos rios que indiretamente desembocam neste imenso Río de la Plata, que é também mar, incluso neles o Itaqui, córrego que ladeia minha casa a dois mil quilômetros desta cama de hotel), tenha sido o de escrever esta crônica (ainda que lhe sobrem parênteses, ainda que lhe falte acabamento) com esta mesma caneta caída das mãos ou do bolso ou da pasta de alguém que chegou agora em casa e se pergunta, em meio à coçadinha na cabeça, onde raios terá ido parar a caneta azul ainda cheia (*ahora un poquito menos*), mesmo que depois se esqueça dela porque afinal uma caneta perdida figura entre as coisas desimportantes que não concorrem com o fim do mundo e outras deve haver ali no estojo, ali na loja, ali alhures.

Não sucederá ao descuidado imaginar que aquele objeto um dia destinado a tingir papéis em língua castelhana veio cair nas mãos de alguém que agora escreve numa outra língua de senhores colonos estas palavras na madrugada insone e fria à beira do grande rio azul, do grande mar azul.

¿Como a distraída conceberia que o estranho, o intruso, o estrangeiro jamais se esquecerá deste pequeno acontecimento na vida de suas retinas tão fatigadas? Que no meio da viagem, *nel mezzo del cammin di nostra vita*, no meio de alguma outra coisa, que como tantas não sei qual é, tinha uma

caneta. E que só porque um dia houve essa caneta, perdida e uruguaia, é que você aí do outro lado da margem, da vida, do sonho, nesta culminância de trajetos sinuosos, moveu seus olhos muitas vezes da esquerda para a direita da esquerda para a direita da esquerda para a direita até este momento em que é preciso interromper porque os primeiros lampejos de luz incidem sobre o rio, prateando-o, e eu não sei se fiz nascer algum significado disso tudo.

*Montevideo, julho de 2019*

## Diálogo à L. F. Verissimo

— Você fala sério?

— Sim, falo sério.

— Sério? Mesmo?

— Não, só tô brincando.

— Ah, pare! Você tá brincando né?

— Não, é sério!

— É sério que você fala sério ou é sério que tá brincando sobre falar sério?

— Tô brincando sobre estar brincando, falando, portanto, sério!

— Então pare de brincar sobre brincar, falando, portanto, sério, e apenas fale sério.

— Eu tava falando apenas sério. Você é que não ouviu e aí comecei a brincar, mas a brincadeira é séria.

— Sabia, eu sabia que você não falava sério...

— Ah, pare! Você tá brincando né?

— Não, é sério!

## **Última croniquinha: receitas de ArZírio**

Terminei de escrever meu livro de receitas. Chama-se "Culinária de A a Z". Tem meia página e uma receita de arroz.

## A garotinha recalcitrante

Admirador invejoso que sou dos grandes ficcionistas, admito ser uma das grandes vantagens da crônica o fato de o escritor nem sempre precisar derreter os miolos tentando arrancar dali boa ficção. A tal chamada realidade é tão vasta e surpreendentemente fabular que vultimeia chega nos saudando com a história já assim, roteirizada e editada, cenário, figurino e maquiagem prontos, tudo de mão beijada. E aí é só copiar e colar, feito trabalho de aluno, primarista, secundarista, terceirizado ou universitário.

Dito isso, e munido do providencial Control C + Control V, repasso integralmente a vocês a história contada a mim por minha companheira, que ficou sabendo pela mãe dela, que foi quem presenciou tudo. A ela, muito agradeço pelo bonito e familiar telefone sem fio, que é sem fio mesmo, e é telefone mesmo, pois contou tudo pelo celular.

Minha sogra é enfermeira e trabalha num hospital infantil. Não, o hospital não é bobinho e dado a brincadeiras e traquinagens de criança, bobos são vocês que pensaram numa bobagem dessas.

A história, se me permitem, é a de uma família que chegou desesperada à recepção do sério hospital, depois de muita correria, muitos deus-nos-acuda e algumas infrações de trânsito. No colo do pai, a menininha de quatro anos, desacordada.

Encaminhados diretamente à sala de emergência, o médico perguntou o que tinha acontecido. Ninguém sabia. Encontraram-na já assim, desfalecida, no quintal onde brincava com uma amiguinha.

A mãe, aos soluços, relatou que tentaram de tudo, sacudiram, gritaram, choraram, rodopiaram no próprio eixo, mas nada de a menina voltar, procuraram cortes, feridas, hematomas, moedinhas na garganta, mas não encontraram

nada. A amiguinha, amuada num canto, não contou nada também...

O médico pediu para se acalmarem e iniciou alguns procedimentos. Verificou pulsação, respiração, pupilas, pressão arterial. Tudo parecia estar perfeitamente normal. Comunicou então que precisaria avaliar as respostas motoras da menina, causar algum desconforto no corpinho dela para ver se ocorria alguma reação ao estímulo da dor.

Enquanto o médico se preparava, minha sogra, que era quem agora segurava a menina, percebeu as pequenas pálpebras se movendo com certa intensidade (como quando temos algum sonho um pouco mais movimentado), juntamente com um movimento sutil nos lábios pequeninos. Sutil, mas que a qualquer um seria facilmente identificado como um sorriso malandro. Já desconfiada, e com a deliberada intenção de fazer cócegas, minha sogra passou rapidamente a ponta dos dedos nas costelas da até então desacordada, desmaiada, desfalecida, inanimada, semimorta menininha, que finalmente abriu os olhos soltando uma bela e desadormecida gargalhada.

Quando o assombro, os olhos arregalados e a indignação geral cederam lugar ao alívio, perguntaram-lhe por que raios tinha ela feito uma coisa daquelas, a troco de que tinha quase matado a família inteira do coração ou num desastre automobilístico. Calma, soberana, demonstrando ainda uma vez que "ué" é das maiores palavras da língua e que as grandes almas são forjadas pelo bafo quente do fole da teimosia, a garotinha respondeu:

— Ué, a gente tava brincando de ver quem ficava mais tempo fingindo que tava dormindo. Ganhei dela.

Aquelas coisinhas intrincadas que as pessoas fazem, foi impresso no papel Avena 80g com os tipos Figtree Regular 10,5/13,5 e Figtree Bold 13,5/13,5, em Curitiba - PR, para a Editora Insight, em Dezembro de 2024.



## SINOPSE

*Aquelas coisinhas intrincadas que as pessoas fazem* é um livro de crônicas com temas bastante variados, assim como o estilo da escrita, mas a chave geral da obra, em que pese a presença de textos mais sérios e reflexivos, é a tentativa de fazer rir.

## O AUTOR

Escritor paranaense, autor de quatro livros, dois de poesia e dois de crônicas. Neste gênero, venceu o Prêmio Cidade de Manaus, em 2021, com o livro *Crônicas de quarentena e outras virulências*, e no mesmo ano foi finalista do Prêmio Jabuti, com o livro *Conheço duas formas de acabar com a vida que são tiro e queda*.



Avalie o livro  
neste QRcode